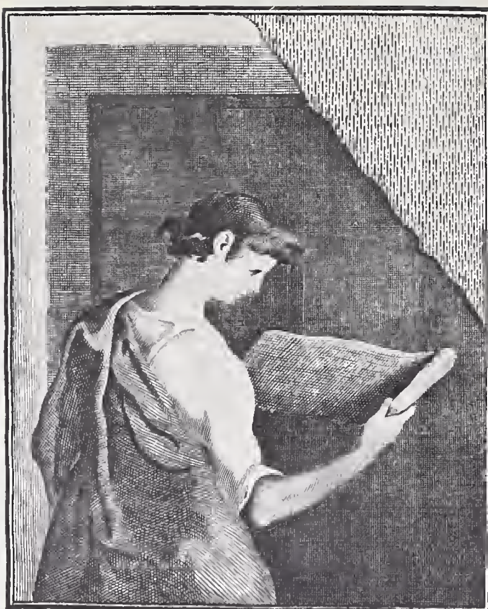




ARTE



REDACTOR-CHEFE
João Augusto Ribeiro

PROPRIETARIO, DIRECTOR e GRAVADOR
Marques Abreu

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

ATELIERS DE PHOTOGRAVURA

AVENIDA RODRIGUES DE FREITAS, 310 (Antiga R. de S. Lazaro) — PORTO

ARTE

5.º ANNO N.º 49



PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO, 310—PORTO

PORTO — JANEIRO DE 1909

PREÇO 120 REIS

CONDUCÇÃO DO REBANHO

Quadro de SILVA PORTO

ENTRE as mais requintadas obras do grande e inolvidavel paizagista Silva Porto, tão prematuramente extincto, figura a que hoje neste logar reproduzimos. Tão encantador motivo, envolto numa coloração discreta, subordinado á luz intensa duma hora estival, merece contemplar-se demorada e religiosamente como uma das mais finas joias da arte portugueza.

CONDUCÇÃO DO REBANHO — Quadro de Silva Porto

Simili-gravura de M. Abreu *Cliché de C. Cardoso*

Comp. e Imp. — Typ. Universal
Trav. de Cedofeita, 54 — Porto

OS TUMULOS DOS FUNDADORES DO MOSTEIRO DE SANTA CLARA DE VILLA DO CONDE

INCOMPATIVEL é com os meus actuaes embaraços a inadiavel urgencia com que me foi solicitado um artigo sobre os monumentos funerarios que encerram as cinzas dos nobilissimos fundadores do real mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde. Faço-o pois a correr e apenas para corresponder á gentileza da solicitação, porque me não é possivel, no momento, proceder ao estudo attento e critico d'essas arcas surprehendente e encantadoramente esculpidas por um dos mais inspirados e commovidos cinzeis que ainda affeiçoaram a pedra em terras de Portugal.

Outra será a opportunidade e então, mais d'espaço e na satisfação d'um velho desejo, me occuparei dos preciosos moimentos de D. Affonso Sanches, bastardo d'el-rei D. Diniz e de sua consorte, a *Excellente Madama,* D. Thereza Martins, tambem de estirpe real, assim como dos de seus filhos infantes que a morte no começo da Vida levou.

Prevenindo escrupulosamente o futuro, na doação feita ao mosteiro, com piedosa humildade, reservaram os egregios doadores, para sua jazida, a gallilé que abrigava a entrada do templo a fim de ahi repousarem ao termo da existencia e junto da sua obra imponente, mas guardando a distancia que n'uma christã presumpção os separava do logar destinado sómente a creaturas eleitas do ceu: *porque sepultura de dentro das ygrejas nos semelha que não é senom para homens santos ou mui chegados a Deus.*

No emtanto, d'esta disposição d'ultima vontade levantam-se umas duvidas sobre se as duas illustres personagens mandaram fazer os seus tumulos, ou se estes foram devidos ao amoravel cuidado filial.

Mas n'um ou n'outro caso o que foi feito d'elles? Qual o motivo que determinou mais tarde a sua substi-



PORTO — Margens do Rio Douro (Corticeira) — Desenho original de João Monteiro

Simili-gravura de Marques Abreu



Um dos tumulos pequenos no mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde

Cliché e simili-gravura de Marques Abreu

tuição? De fabrica tão mesquinha e pobre que se julgaram improprios das excelsas figuras? Quem removeu e encerrou as suas cinzas nos actuaes sarcophagos? Um silencio tumular pesa, por emquanto, sobre estas interrogações.

Segundo uma inscripção aberta na silharia de granito da capella, onde se guardam, sabe-se que esta foi enxertada no corpo da igreja do mosteiro em 1526, pela primeira abbadessa da Observancia, D. Izabel de Castro, para abrigar os restos mortaes dos magnanimos instituidores.

Bem escassa é a legenda, mas relacionando-a com os moimentos não será desacertado attribuil-os á bizarra homenagem d'aquella religiosa.

Tudo o convence. Aguarde-se todavia, com esperança, que a historia desvende o segredo que discretamente os envolve.

Os dois mausoléus acham-se agora, mais ou menos, na situação que primitivamente lhes havia sido dada; entre a respectiva cabeceira de cada um e a parede terminal encontram-se os cofres pequeninos com os despojos dos filhos dos fundadores.

São todos de pedra d'Ançã e, como arcas funerarias, são os mais sumptuosos e os mais lindos exemplares que a arte da Renascença nos deixou.

As maiores, alem de desiguaes na factura, que é mais galante, mais fertil e de melhor acabamento na do marido que na da esposa, não parecendo esculpidas pelo mesmo artista, embora em identica subordinação d'estylo e traça, differençam-se porque á de D. Thereza falta-lhe a tampa que devia servir de leito á sua figura.

Ambas teem todas as faces lavradas, sendo as lateraes historiadas, n'uma, com os episodios da infancia de Jesus interpretados pela poesia da lenda doirada e, n'outra, com os que, na narrativa do Evangelho, amargamente precederam a tragedia augusta do Calvario.

O plastifice, cujo nome ignoramos ainda, espelha-se na candura religiosa, na ingenuidade e na expressão tranquilla, por vezes equivoca, de cada uma das scenas que revestem os sarcophagos.

Muita graça, muito mimo e muito encanto se revelam, porem, n'estes monumentos que, se não enfileiram com a arte mais erudita, dramatica e vibrante, de Santa Cruz de Coimbra, procedem todavia da escóla de esculptura da Renascença que n'esta cidade gloriosamente floresceu e são, sem duvida alguma, das suas mais bellas producções.

A docilidade do calcareo attrahiu, como sempre, o escopro do artista, que se deixou conduzir enleiado, concebendo, delineando, esculpindo e lavrando, com amor e com fé, os sepulchros de D. Affonso Sanches, sua dona e filhos.

O d'elle, como succede já com o de D. Pedro em Alcobaça, é o mais cuidado e o mais opulento em lavores. A sua estatua jacente, porem, não é recommendavel.

O virtuoso varão, com a cabeça coberta descançando sobre duas almofadas, traja vestes reaes e guarda gentilmente um lenço na mão direita, fechada sobre o peito, emquanto a esquerda empunha a espada de esforçado e valoroso cavalleiro, rival de Affonso IV; aos pés, um leão aninhado vela com arreganho sobre o seu eterno somno. No bisel da cobertura desenrola-se uma tarja ornamental de fina execução e tenuissimo relevo.

Superiormente, a arca é bandada com uma orla de lavor sinuoso e pujante, a qual com as pilastras angulares, docemente lavradas, enquadram as composições das quatro faces. Cada uma das lateraes abrange tres ediculos trilobulados divididos por meias cannas com ornatos que levemente affloram e sobre as quaes se recortam bustos duma tranquillidade perscrutadora.

No lado esquerdo, o primeiro dos ediculos, que devia ser o ultimo, contem a *Fuga para o Egypto:* Nossa Senhora montada aperta contra o peito o divino fardo, S. José caminha, na vanguarda, attento e diligente, um renque de cherubins adejando e sorrindo sobre os contristados fugitivos.



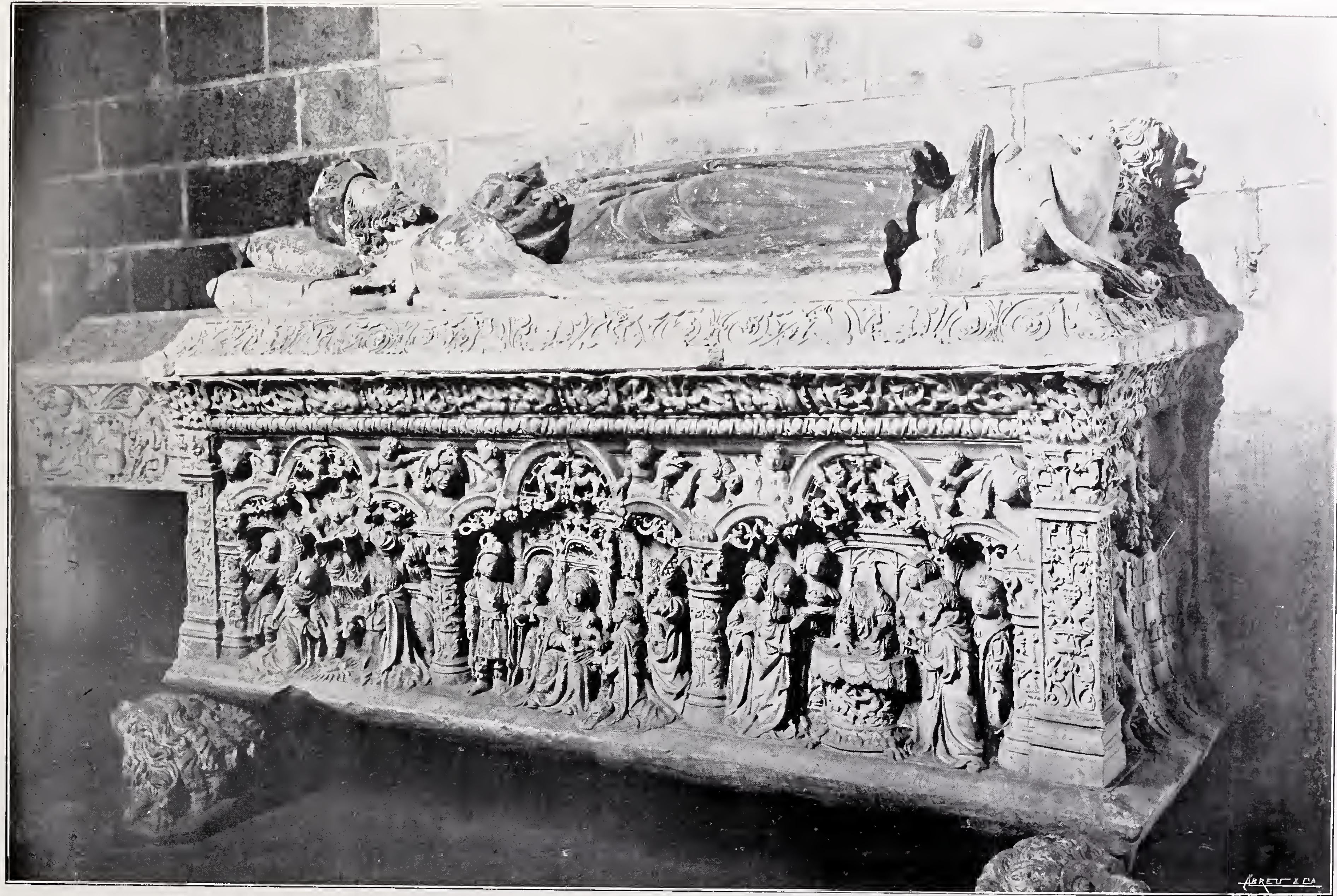
Outro dos tumulos pequenos no mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde

Cliché e simili-gravura de Marques Abreu



Tumulo de D. Theresa Martins, esposa de D. Affonso Sanches, no mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde

Cliché e simili-gravura de Marques Abreu



Tumulo de D. Affonso Sanches no mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde

Cliché e simili-gravura de Marques Abreu

O segundo encerra a *Annunciação:* Maria ajoelhada, juncto da cabeceira do leito coberta com docel, suspende a leitura do seu livro d'orações ante a saudação ineffavel do emissario celeste que entra, de roupagens roçagantes, a dar a nova maravilhosa e sem igual; o Espirito Santo desce do alto, com anjos, entre raios luminosos.

O terceiro é o da *Visitação:* A Virgem precedida d'um pagem angelico é recebida por S.ta Izabel, o ancianico Zacharias aguarda, sentado, a bemdita entre as mulheres, um vulto finissimo assoma curiosamente á porta emquanto um outro apparece, n'uma poetica varanda assente em cachorros, a observar o caso.

No lado direito segue-se a *Natividade:* o recemnascido, entre os paes, é bafejado pela vaquinha mansa e glorificado pelos anjos que entoam o *In excelsis.*

Vem depois a *Adoração dos Magos:* a mãe sentada, n'uma sède magestosa, expõe o querido bambino ás homenagens dos reis orientaes.

Por ultimo a *Circumcisão* a cuja ceremonia assistem os progenitores e outras figuras que trazem as offerendas.

No cabeçal reproduz-se o prodigio de Santa Clara pondo em fuga os infieis que, por ordem de Frederico II, invadiram o mosteiro de S. Damião, na cidade de Assis por elles sitiada; na testeira opposta, sustentado por genios, o brazão de D. Affonso.

O tumulo de D. Thereza é de factura mais sobria e menos apurada; em compensação a sua estatua jacente é melhor que a do esposo.

A *Excellente Madama,* de formoso perfil, veste humildemente de clarissa e sustem, nas suas delicadas mãos, umas *Horas;* aos pés, um gamo deitado.

Falta-lhe, como ficou referido, a tampa complementar, como se se quizesse frisar mais o desprendimento pelas vaidades e confortos mundanos da aristocratica personalidade em cujas veias girara sangue real.

As scenas da passionologia christã que revestem o sarcophago em encasamentos d'arco abatido são: *A Entrada de Jesus em Jerusalem,* a *Ceia* de despedida pungente, o emocionante episodio do *Lava-pés* e, continuando pela esquerda, a *Oração no Horto das Oliveiras* entre os discipulos descuidosos, a *Traição de Judas* que sella a infamia com o osculo, oppostamente a S. Pedro que subjuga Malco e *Christo perante Anaz,* negado por S. Pedro. Na face da cabeceira: *S. Francisco recebendo as chagas;* na inferior, o escudo da illustre finada.

Nos dois pequeninos ataúdes dos preclaros fundadores, se bem me recordo, apenas uma das faces é figurada, n'um, com os quatro grandes doutores da Igreja e, no outro, com os quatro evangelistas.

Eis aqui, de fugida e quasi de memoria, o que, agora, posso depor ácerca dos sumptuosos moimentos que são dos mais desconhecidos, embora sejam dos nossos mais preciosos documentos artisticos da Renascença pela exuberancia ornamental e pela riqueza decorativa, expressa n'uma plastica de feição infantil e carinhosa, tão propria para olhos de monjas, e que teem um dos logares de maior destaque na opulenta serie da iconographia funeraria de Portugal.

Janeiro de 1909.

MANOEL MONTEIRO.



BOELHE — Lado do Norte

Simili-gravura de Marques Abreu

ENSAIO SOBRE A ARCHITECTURA ROMANICA EM PORTUGAL

III

BOELHE

(Conc. de Penafiel)

Quando visitei esta preciosa egreja pela primeira vez em 1901 fiquei surprehendido com o seu vetusto aspecto e perfeito estado de conservação, sem remendos, nem alterações. E' certo que uma das faces, a parede exterior do lado da Epistola (Sul) estava amparada com espeques; mas após um minucioso exame exterior e interior reconheci que a inclinação da parede resultou de uma depressão do terreno por infiltração de aguas pluviaes, que não foram desviadas dos fundamentos. A cantaria estava intacta; nem uma pedra sequer se deslocára do seu assento; o panno do muro, cujo excellente apparelho estava bem



BOELHE — Entrada principal da Egreja

Cliché e simili-gravura de Marques Abreu

visivel, sem nenhum reboco, ao contrario do lado opposto, horrivelmente caiado – parecia fundido de um jacto. No emtanto, era urgente acudir-lhe, porque a existencia ao lado, de uma nova, grande egreja, muito apparatosa, mas – muito trivial – estava tentando os partidarios da arte moderna, que propunham simplesmente a demolição do templo antigo, velho, fóra da moda.

Para que, duas egrejas, dizia o vulgo?

Felizmente, um dos meus companheiros de viagem, pessoa influente e illustrada, de mãos dadas com o Rev. Parocho, (1) conseguiu sob a protecção do Conselho superior dos Monumentos Nacionaes, prevenir uma demolição imminente.

Com uma verba de 200 a 250$000 reis, inferior á que se costuma gastar com uma festa mediocre da freguezia, poderiam apear a parede, regular a sahida das aguas pluviaes e reconstruil-a depois.

E' esta egreja uma das poucas que conservam o campanario primitivo, á frente do templo, do lado da epistola. E' exemplo muito raro. A torre actual dos sinos, pesada, trivial, sem nenhuma proporção com o resto do templo, não é anterior á segunda metade do seculo XVII; tem uma serventia exterior, para que os sinos possam ser tangidos sem que o tangedor entre na egreja. Exemplos d'estes campanarios, com escada exterior de accesso, (mas em torre especial) encontram-se na egreja de S. Miguel junto de Eja; na d'este logar, um pouco adiante, e em differentes templos de proporções semelhantes, do concelho de Penafiel.

Entrando no interior, surprehende-nos o estado do edificio, puro, intacto, sem nenhum remendo; nem sequer as frestas alargaram. Os capiteis mereciam ser todos reproduzidos, moldados, dentro e fóra do templo. Já dei uma amostra d'elles a pag. 29. (Vol. IV da *Arte).*



BOELHE — Parede, do lado Sul

As dimensões do templo são as normaes n'estas construcções romanicas:

Boelhe concorda com Gandara (Cabeça Santa), com Eja (S. Miguel), com Villaboa de Quires (antes do prolongamento feito em 1881), com Rio Mau, etc. Media do comprimento: 18 metros (2).

Eis um resumo das medições exteriores:

Comprimento da nave . .	$10^{m}.80^{c}$	Total $18^{m}.15^{c}$
Id. da capella-mór . . .	$7^{m}.35^{c}$	
Largura da capella-mór .	$4^{m}.60^{c}$	
Idem da fachada . . .	$6^{m}.30^{c}$	
Id. da Entrada principal .	$2^{m}.90^{c}$	
Altura, até ao cume da empena, incluindo a Cruz.	$7.^{m}30^{c}$	

A perfeição de todo o apparelho da cantaria revela um singular capricho do mestre-alvenel e manifesta-se sobretudo no lado exterior, Sul, que está especado. (Vid. a estampa).

O friso de modilhões, com a sua cornija, guarnecida de espheras, finamente lavradas, é de um effeito surprehendente. Como a parede não foi caiada d'este lado, (Sul) o primor do grande apparelho contrasta com o reboco do lado opposto. O friso das espheras foi substituido no lado Norte por uma faixa de estrellas de cinco pontas, de lindo desenho decorativo, talhado a primor.

O portal com a janella superior, ambos de arcarias reintrantes, tem muita analogia com o templo de Villaboa de Quires do Concelho do Marco de Canavezes; o de Boelhe estava em 1901 intacto, sem o menor retoque! A disposição das columnas, em que os fustes de fórma cylindrica alternam com os polygonaes, reapparece em ambas as egrejas e tambem no vetusto portal de Santa Maria de Almacave (Lamego). A fauna e a flora decorativas dos capiteis é tudo quanto ha de mais interessante pela execução, pelo vigor do cinzel e eloquente significação dos symbolos e da allegoria.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

(1) Foram meus companheiros de viagem (1901) os illustres medicos Dr. Albino Moreira de Sousa Baptista e Dr. Luiz Corte-Real; este ultimo gosa de muita e merecida consideração na freguezia, onde tem propriedades importantes. Sente e aprecia devidamente o valor das reliquias antigas da arte, e por isso logo se declarou protector da egreja, animando o Rev. Abbade Snr. José Ferreira Lopes Veiga, que tem sido incansavel defensor do templo.

Eu promovi, pela minha parte uma vistoria ordenada pela Commissão dos Monumentos Nacionaes. Ainda ha poucos dias foi a egreja de Boelhe objecto de discussão no Conselho. (*Diario de Noticias* de 21 de Janeiro d e1909).

Ao nome do Rev. Parocho de Boelhe juntaremos aqui os dos seus dignos collegas Srs. P.e Vasco d'Almeida Moreira, Abbade de S. João de Tarouca; P.e José Victorino Pinto de Carvalho, Abbade de Mancellos; e P.e Miguel José da Costa Oliveira, Abbade de Travanca. Todos estes sacerdotes provam como muitos outros, que o interesse dos dignos parochos pelas antiguidades archeologicas das suas respectivas egrejas vae em sensivel e consolador augmento. Gostosamente agradecemos a todos o seu benevolo acolhimento.

(2) S. Miguel de Eja apparece com dimensões mais consideraveis, porque sobre um comprimento total de $20^{m}.94$ ha a descontar $2^{m}.74$, que pertencem ao antigo *celleiro commum* da freguezia, arca de granito mui curiosa (4^{m}. de larg sobre $2^{m}.74$ de fundo) inserida na capella-mór; esta ultima tem: 7^{m}. de compr. sobre $11^{m}.20$. que pertencem á nave. Total, $18^{m},20$.

N. da R. — Por falta de espaço não se publica a frontaria da egreja romanica de Boelhe, que será reproduzida no proximo numero.

ARTE

5.º ANNO N.º 50



PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO, 310—PORTO

PORTO — FEVEREIRO DE 1909 PREÇO 120 REIS

Á PORTA DA VENDA — Quadro de Silva Porto

Simili-gravura de M. Abreu

QUATRO QUADROS DE SILVA PORTO

Da obra de Silva Porto continuamos reproduzindo alguns quadros mais, presentemente quatro, no intuito não só de honrar a memoria do Mestre mas tambem de divulgar as melhores producções do insigne paisagista portuguez.

Silva Porto foi essencialmente um objectivista; o seu esforço consistia inteiramente na traducção da realidade das mais vulgares scenas da vida camponeza, da luz que as banhava, em todo o seu fulgor meridional. Sincero como homem, não o foi menos como artista. Se prende a nossa attenção pela sua virtuosidade, não nos attrahe menos pela lealdade simplista, pela franqueza expressiva da sua pincelada, pela poesia do ambiente, pela delicada comprehensão dos valores, factores, incontestavelmente unicos, da sua justa reputação.

A sua obra é original, é distincta, infelizmente apenas conhecida de poucos, porque quasi toda ella se guarda em collecções particulares, dispersa e pouco

Comp. e Imp. — Typ. Universal
Trav. de Cedofeita, 54 — Porto



NA ARRIBANA — Quadro de Silva Porto

Simili-gravura de Marques Abreu

portuguez e que mais póde servir de estimulo aos estudiosos na comprehensão da verdade, na fé do esforço proprio e das faculdades pessoaes.

Das telas que hoje abrilhantam as nossas paginas, duas, principalmente, se recommendam: *Na arribana* e *Salmeja.*

Particularisamos estes quadros pela convicção intima de que são elles os que melhor definem o seu temperamento e as suas altas qualidades de observação: subjugando pelo sentimento, enthusiasmam pela fórma e pelo brio de execução ardente e apaixonada.

Os outros dois, que marcam casualmente os extre-

accessivel. E' possivel que o Estado se lembre um dia de reunir o maior numero de trabalhos de Silva Porto afim de constituir em galeria publica uma secção demonstrativa do valor dum dos nossos mais assignalados artistas, dum daquelles que mais glorificam o nome



SALMEJA — Quadro de Silva Porto

Simili-gravura de Marques Abreu

mos da sua actividade artistica, na phase aperfeiçoada, embora muito notaveis, denunciam mais calculo e menos calor; não têm aquelle ar de improvisação tão caracteristico da sua obra mais sincera, mais segregada.





MARGENS DO OISE EM ANVERS — Quadro de Silva Porto

Simili-gravura de Marques Abreu

ENSAIO SOBRE A ARCHITECTURA ROMANICA EM PORTUGAL

III

BOELHE

(Conc. de Penafiel)

Completamos hoje as illustrações do artigo precedente (n.º 49) com mais tres estampas da preciosa igreja.

Em primeiro logar convinha dar o alçado completo, com a entrada principal, combinada com a parte superior que escapou milagrosamente. Existe ahi uma janella, unica abertura superior do frontespicio. E' formada de dous arcos, com toros redondos e uma meia cana reintrante; o unico ornato reduz-se a uma faixa orlada de pequenas molduras quadrangulares. O campanario, embora vasio, sem sino e sem ventoinha, é um typo egualmente raro, por ser o primitivo.

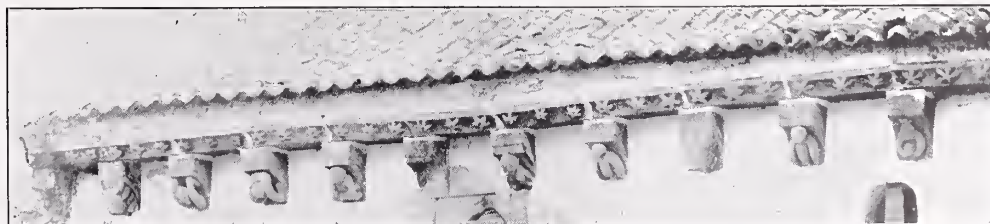
A frontaria soffreu no apparelho, aqui e além, differentes composturas e emendas, como é facil reconhecer, confrontando o admiravel apparelho do lado meridional (est. pag. 7) com o d'esta frontaria. A cruz é moderna.

E' porém antiga e primitiva a pequena cruz que corôa a extremidade da capella-mór. Se a cantaria faceada soffreu no angulo em que assenta o campanario, em compensação o lavor decorativo está virgem.

Toda a ornamentação da portada permanece intacta, felizmente, e apresenta a granulação suave, fina, uniforme que só o *artista-tempo* — é capaz de produzir.

A archivolta profunda, de arcos redondos, da entrada, vae diminuindo até ficar reduzida a uma ogiva. Apresenta hoje arcos de fórma mixta, mas a differença não resulta do estylo; é a consequencia de restaurações mal feitas. O tympano foi historiado, provavelmente, isto é: teve figuras: o Salvador, no meio dos apostolos, ou o cordeiro paschal *(Agnus Dei)*. Uma egreja assim ricamente ornamentada não deixaria de ter em logar tão saliente e nobre, como é o tympano da entrada principal, a decoração tradicional. De uma outra entrada, do lado Norte, ha claro indicio no apparelho e na estampa de pag. 6.

O fuste da ultima columna, á esquerda, serviu a um canteiro para perpetuar a mascara de algum collega, tres vezes repetida. A fauna e a flora dos seis grandes capiteis da entrada, aliás finamente esculpidas no granito, bem como os ornatos geometricos estão claramente realçados nas primorosas estampas e clichés do Snr. Marques Abreu, benemerito director d'esta revista, que não recuou perante as despezas e incommodos de uma viagem especial, feita a Boelhe, consagrada a este unico monumento. Pela minha parte aqui lhe tributo, como



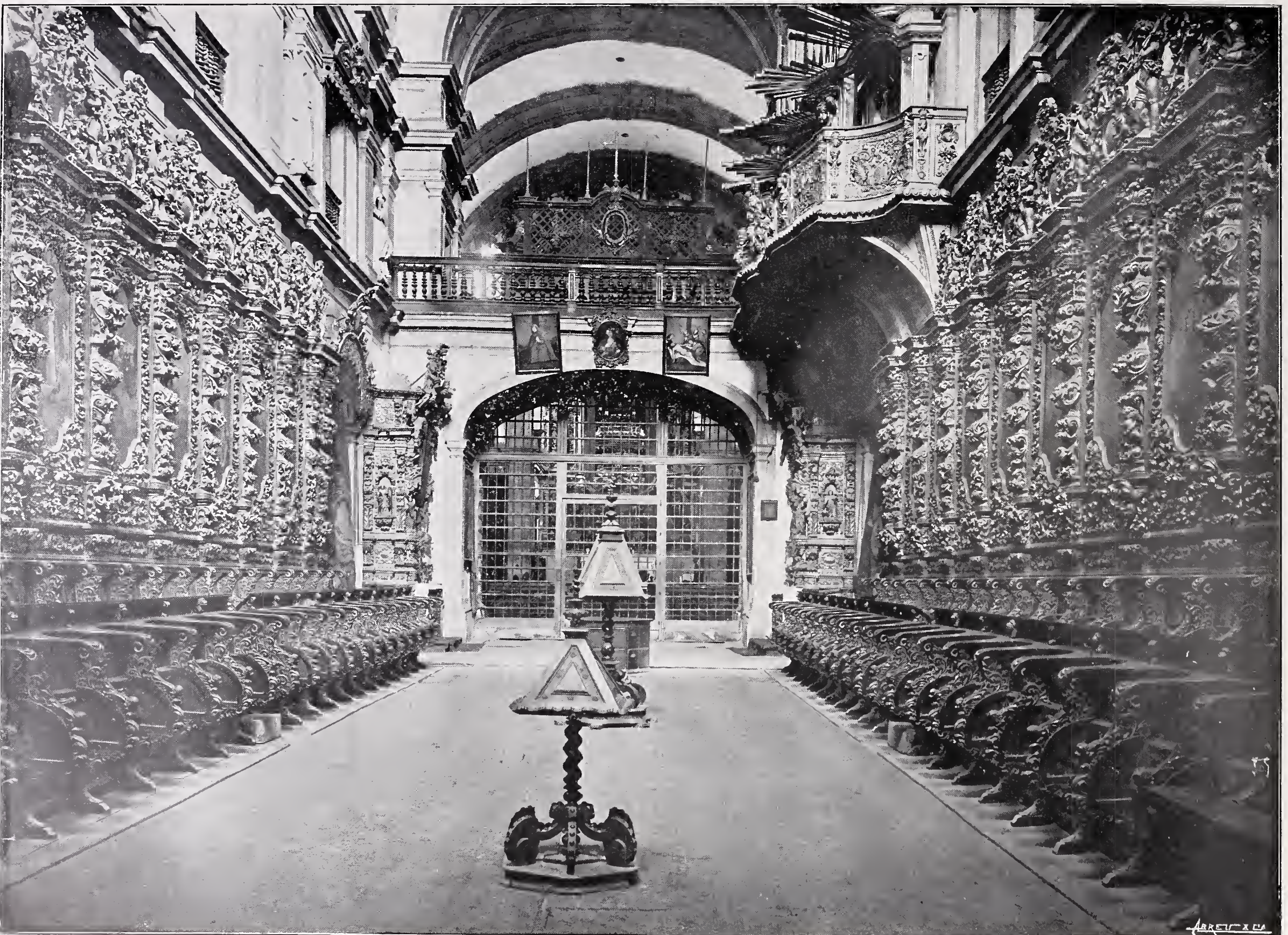
BOELHE — Modilhões e friso ornamentado, do lado Norte

Simili-gravura de Marques Abreu



FRONTARIA DA EGREJA DE BOELHE (Penafiel)

Cliché e simili-gravura de Marques Abreu



CORO DO MOSTEIRO DE AROUCA

Cliché e simili-gravura de Marques Abreu

archeologo e como vogal da Commissão dos Monumentos Nacionaes, o meu sincero reconhecimento.

Sobre o aspecto do lado septentrional e o seu valor decorativo já fallei a pag. 8; a estampa do snr. Abreu foi tirada com tal arte que abrange todo o lado Norte e toda a frontaria, em perspectiva. Bem se conhece n'ella que o pesado e massiço cubo da torre dos sinos não pertence organicamente ao plano da egreja. A porta, tosca de madeira, serve ao menos de módulo, para o leitor avaliar as proporções excessivas e pesadissimas d'esse accrescento.

O Snr. Marques Abreu levou o escrupulo a ponto de repetir esse lado, em proporções novas, detalhando n'uma terceira estampa, tomada de perto, o formoso friso de estrellas, assente em onze modilhões historiados, de perfeita conservação; os da capella-mór são extremamente simples; a espaços, onde o reboco falta, avistam-se os bellos silhares de granito da nave. Mal sabem os *amadores da nivea cal* e das paredes bem caiadas, bem estucadas, com juntas bem betumadas, como na capella-mór de Boelhe se avistam, (lado Norte) qual o resultado d'esses alindamentos! Fica-lhes o aspecto trivial, ridiculo, o disfarce grotesco, que tudo cobre e encobre com uma mortalha indifferente. E' uma profanação poisque falseia a verdade historica.

Basta considerar que o primeiro elemento de apreciação para podermos classificar a antiguidade de um monumento: o *seu apparelho interior e exterior*, fica mascarado, e de egual modo a belleza dos silhares e a qualidade da cantaria. Os antigos mestres-canteiros foram muito cuidadosos na escolha dos materiaes e na applicação de todos os seus processos technicos; por isso perduram seus monumentos.

Veremos, em breve, que a egreja romanica de Rio Mau está datada, em inscripção authentica, do anno de Christo, 1101 (era de Cesar 1139). Tem 808 annos contados, e permanece firme e formosa nas suas feições caracteristicas, sem nenhum arrebique, graças á generosidade, ao criterio, ao amor da arte de um patricio benemerito d'alem-mar.

Destruir a epiderme secular do granito, com a *patina* do tempo, a côr vetusta, que esse inimitavel artista combina sobre as pedras, debaixo da acção conjuncta do sol, do ar, das brandas chuvas e dos musgos aveludados — é commetter um sacrilegio.

Fevereiro 25.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.





MOSTEIRO D'AROUCA

Cliché e simili-gravura de Marques Abreu

MOSTEIRO D'AROUCA

I

Tem uma existencia de seculos, e, se se não póde chamar um thesouro de arte, possue ainda, apesar de desfalcado já, muita cousa boa e merece bem uma visita. Fundaram-no dois fidalgos de Moldes, Loderigo e Vandito, cujos herdeiros venderam o direito de padroado a D. Ançur e sua mulher D. Ejeura, senhores do valle de Arouca, pelos meados do seculo X. Os novos possuidores do mosteiro, depois de o haverem reedificado e ampliado muito doaram-no ao abbade benedictino Hermijildo, em 7 de setembro de 951.

D. Ejeura, senhora poderosa, achando-se viuva e sem descendentes, fundou junto ao mosteiro um recolhimento de beatas, subjeitas tambem á regra de S. Bento. Por sua morte o pequeno cenobio foi incorporado no mosteiro, que ficou sendo convento mixto. Em breve se fez sentir a necessidade de serem expulsos os monges, o que se fez em 1154, segundo se deprehende de Viterbo. Aplacado por alguns annos o escandalo, reviveu mais tarde e com mais força. Poz-lhe então cobro a rainha D. Mafalda filha do nosso D. Sancho I, que lhe legara o mosteiro de Arouca conjunctamente com o de Bouças e herdade de Cêa, e, que divorciada de seu infantil marido Henrique II de Castella ali se recolheu em 1220, introduzindo n'elle a reforma de S. Bernardo (Cister) e entregando-o ao cuidado de D. Aldora, senhora de grande nascimento e maior virtude, que foi a primeira abbadessa depois da reforma.

Logo á entrada da villa d'Arouca, e quasi tão grande senão maior do que toda ella, fica o mosteiro, molle enorme de granito, onde debalde se procurarão vestigios d'uma remota antiguidade. Facto identico se dá em alguns dos nossos mais antigos conventos, onde reconstrucções ou obras posteriores fizeram desapparecer a primitiva fabrica. Aqui, parece que foi um grande incendio, nos fins do seculo XVI, que aniquilou por completo todas os testemunhos architectonicos de epochas mais remotas. Tudo o que ali se vê, e que é grandioso, pertence aos dois seculos seguintes, sendo já obra do seculo XIX o novo claustro e o refeitorio que ficaram aliás muito longe do seu acabamento.

E' notavel a egreja, pela obra de talha que a reveste, e pelo sarcofago de ebano e prata em que se guarda o corpo da Rainha Santa Mafalda, que se admira n'um dos altares lateraes, mas notavel, muito notavel é o coro. Fica no mesmo nivel do templo e tem quasi a mesma altura d'elle separando-os uma elegante grade de pau santo. Como se vê da simili-gravura, revestem-lhe as paredes esplendido cadeirado de talha dourada em cujos altos espaldares se vêem pinturas da epocha, aliás de mediocre pincel, mas que a riqueza dos ornatos d'aquella facilmente faz esquecer.

Ficou concluida a obra do coro em 1798, e a do orgão que lhe é complemento importante, e onde ha



AVEIRO — Claustro do Mosteiro

Cliché e simili-gravura de Marques Abreu

registos que imitam o gorgeio das aves, a voz humana, o trovão, o bramido do mar e que tem trombetas, pratos e ferrinhos, em 1743.

MARQUES GOMES.



MÃE DE DEUS

ESCULPTURA DE JOAQUIM CARVALHO

DAMOS, no presente numero, em gravura, este trabalho de arte religiosa, devido ao apreciavel artista snr. Joaquim Carvalho, discipulo do distincto e conceituadissimo esculptor portuense José Soares de Oliveira.

Para a manutenção do sentimento religioso, carece esta especialidade artistica de perpetuar os typos consagrados pelo ideal christão de vinte seculos; é mister suggerir crenças nobres e elevadas, que nos conduzam ao respeito e veneração por tudo o que é divinamente immaterial e nos dulcifica o animo.

Cumpriu o auctor esta formula imposta pela fé catholica, sem descurar os progressos technicos da moderna plastica.

Felicitando o discipulo persistente e activo, comprehendemos neste dever o seu dedicado mestre e amigo, que deve justamente orgulhar-se do bom resultado dos seus ensinamentos e salutares conselhos.



MÃE DE DEUS — Esculptura de Joaquim Carvalho

Simili-gravura de Marques Abreu



ERAM quasi 11 horas da manhã quando chegamos á Azenha de S. Christovam de Rio-Mau. O sol, dardejante, a caminhar para o meio-dia, dava em cheio e de frente na cachoeira do açude e o effeito d'aquelle crespo espelho de cristal, dava ás aguas referventes do seu lençol d'espuma a impressão d'um retiro cheio de encanto, cheio de Arte e cheio de mysticismo.

O meu caro amigo Marques Abreu estudava uns effeitos de luz, e o meu caro amigo Alfredo Amaral auxiliava-o na *mis-en-train* tirando o sol da objectiva, collocando uma perna do tripé mais firme, etc., etc.

Eu tinha os pés completamente enxarcados, apezar de ter calçado umas botas novas, e levava o meu filho José como costuma dizer-se... *com a barriga a dar horas*...

De maneira que, emquanto *elles* estudavam os *effeitos de luz,* eu fui regulamentar os *effeitos do estomago:* — encafuei-me na cozinha da moenga, na esperança de *qualquer coisa* de agradavel.

Oh!... mas nada mais desagradavel: — a lareira sem lume; trez creanças amuadas a um canto; e um gato pellado mesmo junto da borralha.

— «Vamos cá a saber, vócês que teem aqui para jantar?»

— «Nada (responde a mais espigáda), nós já jentemos».

— «Mas este póte parece que tem dentro não sei o quê».

— «E' o jintar do patrão».

— «Oi! Se calhar é o panêllo das pápas do sarrabúlho»!

— «Haverá de sêr!»

— «Hum! Então o pôrco já foi ao galheiro?»

— «Pois num foste!... nós num matamo-l'o o pôrco...»

— «Mal me correm os negócios! Outra coisa, — tu não tens por ahi nada de comer?»

— «Num tiênho nada!»

— «Nem uma sardinha da moira?»

— Ai! Sardinha? Tiênho aqui uma sardinha fresca. Olhe, tome lá».

— «E's tu uma rapariga d'uma canna! Venham de lá uns gravêtos».

— «Eu biênho já. O' Zefa, olha pela pequerricha que eu bou á prúma».

Continua.

CANDIDO LANDOLT.

ARTE

5.º ANNO

N.º 51



PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO, 310—PORTO

PORTO — MARÇO DE 1909

PREÇO 120 REIS

JOÃO D'OLIVEIRA RAMOS

Comp. e Imp. — Typ. Universal
Rua das Oliveiras, 75 - Porto.

Simili-gravura de Marques Abreu

JOÃO D'OLIVEIRA RAMOS

Tem todo o direito a uma consagração nas paginas da *Arte* este venerando e distinctissimo jornalista, que ha pouco a morte arrancou ao nosso respeito e á nossa altissima consideração pelos seus dotes, pelas suas qualidades e pelo seu caracter.

Se não foi um cultor da arte plastica, da arte pura, João d'Oliveira Ramos foi o impulsor e o propulsor de muitas manifestações artisticas, foi critico musical primoroso e enthusiasta durante mais de trinta annos, e a esta publicação, á *Arte*, consagrou algumas paginas da sua prosa burilada e typicamente portugueza, incitando-nos e animando-nos n'este esforço de propaganda do que é bello e artistico, para educação do meio, n'um ideal de aperfeiçoamento e gosto esthetico que tanto influe na vida social e moral dos povos.

Alguns dos seus pensamentos, n'este sentido, resumem conceitos e sentenças basilares.

«Demoradamente, e com crescente interesse, acabamos de folhear os dois primeiros volumes da *Arte*, e de confrontal-os com o programma que á frente da já agora notabilissima revista lançou o seu director e gravador Marques Abreu.

E' consolador este exame. Raras vezes se apresentará um prospecto com tanta simplicidade, tanta modestia, mais raras vezes ainda as promessas terão sido não só cumpridas, mas excedidas com tanta intelligencia, tanto escrupulo, e, digamol-o *tout curt*, com tanto amor d'arte e tanta honestidade.

A revista, precioso archivo d'obras d'Arte, veio a publico com os mais nobres intuitos e tambem — devemos crêl-o — com um singular desinteresse de lucros pecuniarios, porque a terra é pequena e constituem immensa minoria, entre nós, os que juram na religião soberana da Belleza e crêem que a Arte não é apenas uma delicada diversão sensorial, enlevo d'olhos e ouvidos, uma como attrahente sinfonia de linhas, de côres e de sons, mas qualquer coisa de superior, disciplinadora da intelligencia e do sentimento, propria a inflorar a vida, tornando-a mais bella, mais luminosa, mais digna...»

«Como publicação educativa e de vulgarisação do bello, nacional ou extranho, antigo ou moderno, porque a immaterial belleza não tem idade nem patria, a *Arte* alarga o seu campo de colheita e põe seguro criterio na selecção dos assumptos».

....

«A paisagem da nossa terra, tão ridente e original, colhida por photographia, alegra tambem, e educa, lançada aqui e além n'estas paginas em quadros de espiritual encanto e frescura».

É por isto que, com inteira justiça e n'uma saudade immensa, lhe prestamos aqui o sincerissimo culto da nossa respeitosa homenagem.



MONUMENTO COMMEMORATIVO DA GUERRA PENINSULAR

Pelas gravuras que hoje publicamos, ajuizará o leitor da importancia do monumento em projecto admirado nesse certamen que a respectiva commissão promoveu num fim duplamente honroso. Comprehenderam todos, certamente, quanto esta composição exuberantissima vae exigir de esforços para poder triumphar das difficuldades materiaes resultantes d'uma tão conveniente e vasta creação.

Esse agrupamento de figuras revestindo um pedestal cheio de caracter, onde não se encontra o menor detalhe cosmopolita, verdadeiro padrão d'uma nacionalidade, avultando a ideia inicial d'um heroismo ardente em lucta vigorosa pela defeza da patria acommetti-



UM ASPECTO DO MONUMENTO

Simili-grav. de M. Abreu



UM NOVO ASPECTO DO MONUMENTO

Simili-gravura de Marques Abreu

da pelo mais arrogante e irreverente dos inimigos, comquanto na sua desordem guerreira, concerta-se, como obra d'arte, numa eurythmia instinctiva e patente. Os dous ramos plasticos deduzem-se e justificam-se mutuamente, formando um todo homogeneo, infragmentavel, sem as disparidades frequentes, apontadas pelo grande architecto da Opera de Paris, Charles Garnier, na maior parte dos monumentos congeneres submettidos ao seu juizo, como arbitro official durante muitos annos.

Os irmãos Ferreira Oliveira conquistaram, pois, uma justa reputação com uma producção valiosa, vasada nos moldes dos novos ideaes da arte do seu tempo, com meios de expressão mais adequados ao espirito moderno, mais livre no poder significativo dos assumptos.

A *Arte* aguarda agora a realisação da obra definitiva com as suas inherentes bellezas de execução n'uma escala superior, grande e grandiosa, recreando os nossos olhos ao mesmo tempo que um facto historico, tão felizmente concretizado, exemplifica o valor dos portuguezes em todos os lances da sua existencia activa.

R.

JESUS CRISTO

A vida prodigiosa de Jesus de Nazareth enche a historia inteira, como a enche, ilumina e aquenta o Evangelho, palavra d'oiro em versiculos de bronze.

Jesus é o homem, que fôra Prometeu, mas com alma divina, ficando a carne domicilio passageiro de Deus. Jesus é a dignificação augusta da Verdade que palpitara nos labios de Socrates, que enrija os musculos dos Titans de todos os tempos, sem conseguir deixar uma Civilisação perfeita, a unica que sobrevive ás paixões e ás contingencias, porque, engrandecendo a Humanidade, a integra em Deus.

Jesus é o Homem sem preconceito de castas e sem escravidão da consciencia.

E' a virtude dentro da noção suprema da vida humana, humildade que traduz gloria, gloria que vive do amor, da justiça, da verdade.

Prodigioso!? Mas, por isso mesmo, o espirito que animou a radiosa argila do Rabbi sublime, não podia deixar de ser o de Deus.

Entretanto a vida admiravel e unica de Jesus fica

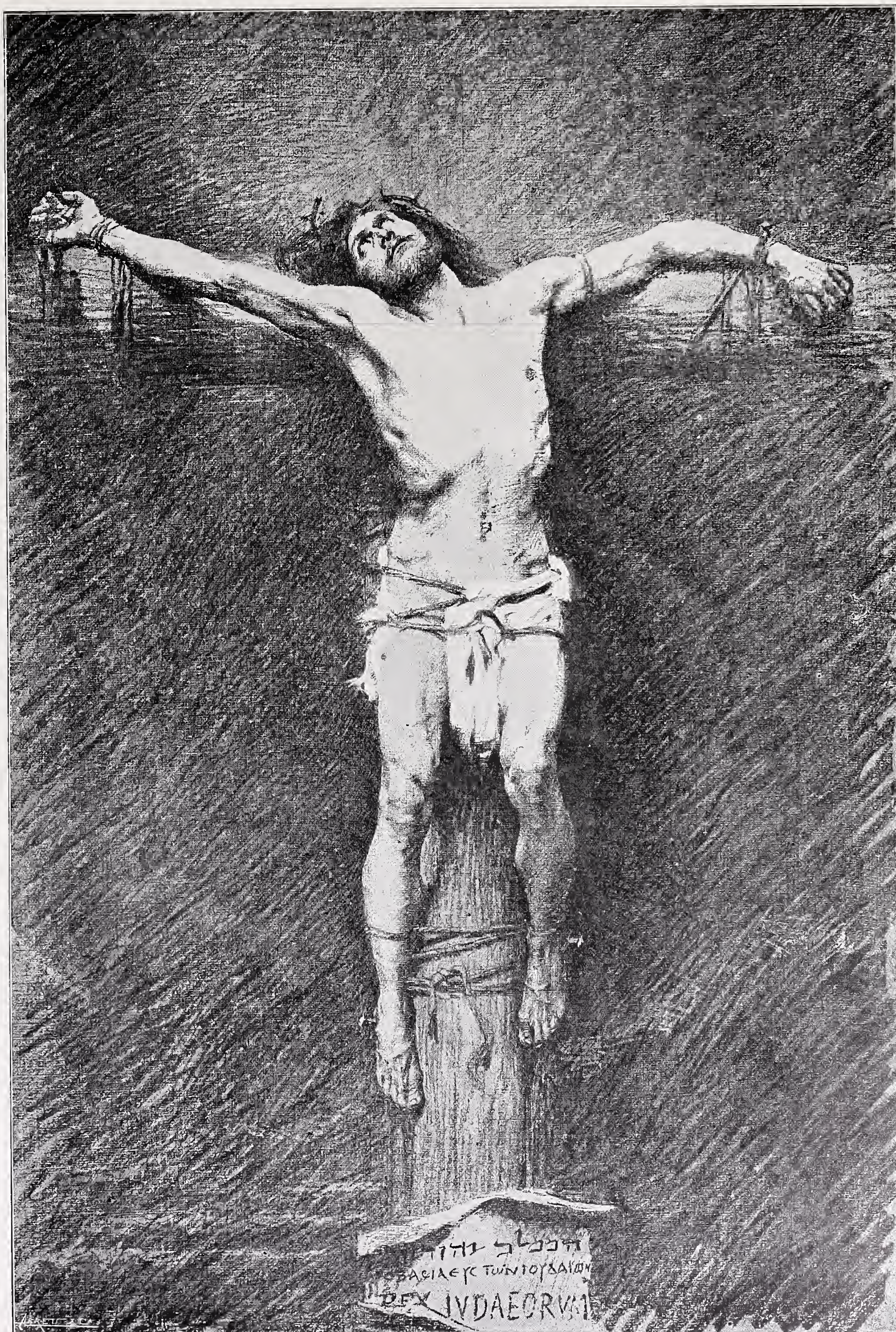


OUTRO ASPECTO DO MONUMENTO

Simili-gravura de Marques Abreu



MADONA — Desenho de Carlos Froschl



MARTYRIO DE JESUS — Quadro de Morote (A. N.)

como modelo de todos, modelo que ninguem póde seguir a rigor, mas que póde ser honrado sempre, condignamente do Divino Mestre, com a pratica sincera e inefavel da virtude — rainha — a caridade.

Vida luminosa até ao deslumbramento, cada pagina sua é um oceano de estrelas.

O menor facto desta vida singular e unica é um astro pleno, a ungir uma aspiração santa, a derramar piedade sobre uma lágrima, a fortificar o cérebro com um clarão novo e puro.

Cristo é, principalmente, a Luz e, porque o é, e porque tudo depende da claridade, os corpos, as almas, os sonhos, as evoluções psiquicas e a plenitude da vida cosmica, Cristo, sendo Luz, é o Caminho. Cristo, sendo Luz, é a Vida.

Assim, ao vermos Jesus de Nazareth ao cólo de sua Mãe, recebendo o ósculo mais angelico que póde adoçar na terra as amarguras d'este exilio, nós recebemos, com a impressão do amor, a clara, a admiravel, a triunfal crença na justiça.

Sim, criancinhas! Debalde os annos vos tornam frageis e inermes. Defende-vos o amor natural, reflexo vivo do coração radioso e limpido de Maria de Nazareth.

Deus santifica assim o amor das vossas mães.

Deus faz assim justiça á vossa inocencia, á vossa graça, á vossa encantadora fraqueza.

Vemo-lo docemente na gravura. Maria tem ao cólo o pequenino Jesus. O seu olhar como que se embebe todo na divina existencia que acarinha.

Cristo parece não sentir o mel daquelle beijo e, antes, com a penetração do espirito supremo, ouvir a musica, que ninguem mais ouviria, derivante d'aquella doçura sem par. Ouve-a, gravemente, como se fôra um velho.

E' a visão, embora indistinta, do fel que ha de sobrepujar aquelle mal.

E' o interno e inegualavel sentimento de quem entesoira todo o amor na alma, que nem o deixa vir mobilisar as feições num sorriso de consolo.

Aqui está o ensinamento. Jesus revela como dominará a carne, por mais comovido que sinta o coração: e Maria, espelho das mães de todos os seculos, deixa nos seus beijos, tão puros e férvidos, pedaços da alma, pedaços da vida.

Mas, num golpe brusco, a vida de Jesus tem o seu cumulo de prodigio.

Prégou e fez milagres. Ensinou a doutrina do amor e do perdão.

Fulminou fariseus e vendilhões, e fez, de pescadores, apostolos.

Depois, numa ceia imorredoira, deu a sua carne e o seu sangue ao proprio Judas, á perfidia, á traição, á treva sinistra.



ENTERRO DE JESUS

E, a seguir, esperou a hora tragica.

Não tardou ella.

Veio o ósculo do infame.

Foi açoitado, cuspido, ensanguentado e escarnecido.

Julgaram-no com ódio.

Sentenciaram-no com rancor.

Carregou com a Cruz, subiu ao Golgota, foi levantado no madeiro como um criminoso que merece o extremo suplicio.

Assim o representa a segunda gravura. De braços distendidos e cravados, cravados os pés, jorrando sangue de mil feridas, coroado de espinhos, com um letreiro sarcastico na base da Cruz.

Mas, nesta agonia indizivel, para onde volve a cabeça?

Para o Céo.

Não volve á terra um olhar de rancor, ou sequer de desespero.

Simbolo supremo da Fé, procura seu Pae, como o alto do monte procura o sol.

Se fita os verdugos, é para os ungir de perdão.

Se contempla os seus, é para os fortificar com a serenidade divina da face, do olhar, do triste mas resignado sorriso.

E morrendo, e expirando, apupado, afrontado, Jesus ensina o que nunca ensinou na terra o poder mais rico de pompa e prestigio.

E' cadaver pouco depois, e a morte é Vida por isso mesmo.

E o patibulo é o sólio de apotéose.

E a ignominia fica sendo divinisação.

Depois, como a terceira gravura representa, Jesus é descido do madeiro no meio das lagrimas de todos os seus.

Nada mais humano do que a sua inercia cadaverica e nada mais divino do que a eloquencia da sua humildade; a humildade de parecer homem aos homens para que estes se aproximem de Deu.s

. . . .

Arrancamos só tres paginas do divino livro, que é a vida de Cristo, e já aqui temos tudo quanto póde dar base, força e claridade á vida livre, progressiva e pura dos individuos e dos povos.

Que não poderiamos nós, pois, todos colher das demais paginas, tantas e tão astraes, de marmore e de sol, com lagrimas que velem constelações, com suspiros que excedem em sentimento os conceitos mais melodiosos das esferas?

Por isso, os pensadores e os poetas, os que amam a Luz, o Amor, a Justiça, os que pretendem a Liberdade, a Egualdade e a Fraternidade, não vão procurar grandezas humanas, folheiam com lagrimas e com fé o livro prodigioso e santo que é toda a vida de Jesus Cristo.

José Agostinho.



PAISAGEM (Vidago) — Cliché da Ex.ma Snr.a D. Maria Conceição de Lemos Magalhães



(Conclusão do artigo publicado a pag. 16 do numero anterior).

Estava eu enxotando do lar o estafêrmo do gato, e a mocinha a fazer a fogueira para assar a sardinha, quando entra pelo quinteiro uma repeteira da Póvoa apregoando sardinha, com uma gamélla á cabeça e uma filhita pela mão.

No lumiar da porta, estacou; poisou a gamélla no terceiro degrau da escada por onde, pelo lado de fóra, se subia p'ró sobrado, e, deixando a pequenita a tomar conta, entrou, saudando:

— «Loubádo seja Nosso Senhor Jesus Christo».

— «P'ra sempre seja loubado e sua Mãe Maria Santissima.»

— «Bae hoje sardinha a estalar de biba?»

— «Os amos estão p'rá missa e ainda num biéram».

— «Balha-me o Coração de Jesus! Elles birão já, cachópa?»



AZENHA DE S. CHRISTOVÃO DE RIO MAU — Cliché de Amaral Correia

— «Num sei; num me dixeram quando binham».

De repente sente-se um grande e estranho ruido! A repeteira volta-se e desata a gritar:

— «Ai!... Ai!... Meu paizinho do ciêu! Ai!... Ai!... Coração de Jesus e Maria!... Ai!... Ai!... Senhor! Quem me mandou trazer a gamélla da sardinha!... Ai!,.. Ai!... Eu mato-na, eu mato-na! Oh! caçonita que hoje é o fim da tua bida!...»

Levanto-me mais que depressa da lareira, deito a correr para o quinteiro e trato de perguntar:

— «Isto que foi? Que desgraça foi a que te aconteceu, ó cachópa?...»

— «Q'habia de sêr!? Foi uma pessoa de Ballazar que me pidiu se le trazia um remédo da botica do Bieira, e eu troixe-o aqui na gamélla da sardinha, em quanto eu birei costas a piquinóta do muleiro partiu a garrafa e seibou-se-me o remédo pelo chão... Ai! Ai!... Coração de Jesus! Balha-me as Cinco Chagas do Senhor!»

— «E agora?»

— «E agora nem sei como ha-de sê-la minha bida...»

— «Mas que foi a rapariga fazer ahi á gamélla?»

— «Acho que queria bér de que côr era o leite p'ra bebér...»

— «Deixa lá vêr os cacos da garrafa. Isto que aqui se lê é *uma infusão de ratània, com salicilato de bismutho, tintura de cacto e um xarope*... Oh! diacho! isto é um remedio para *dôres de barriga!*... quero dizer, remedio para *dysenteria!*... Vão-se lá fiar em historias de remedios!... Sabes que mais, cachópa? O remedio olha que é proprio para *fazer dôres de barriga!*... Apostas commigo em como adivinho que tu *estás com dôres de barriga* e que d'aqui a pouco estás a soffrer da dysenteria!?..»

A repeteira, dá a fugir pelo quinteiro; — eu, desato a rir com uma vontade impossivel; — e, a mocinha do muleiro, quedou-se como uma estatua de gesso a meditar nos cacos da garrafa e na infusão de ratania a escorrer, como leite fervido em chocolateira suja, pelas escadas abaixo, pinga que pinga... pinga que pinga!...

Foi n'esta altura que o meu caro amigo Marques Abreu acudiu ao desconchavo, deixando os *effeitos de luz* para tirar uma paysagem do dispauterio emquanto que a repeteira a correr pela estrada fóra ia carpindo lamurias:

— «Ai! meu rico dinheirinho!... Quando é que eu hei-de ganhar um pinto! Senhor!... um pinto de prejuizo! Meu rico dinheiro! Meu rico pinto!...»

Que bem nos soube, depois, o jantar e mais quando o dono do eirado proximo, inquirindo o que nós andavamos a fazer por aquelles sitios, objectou muito admirado da sua vida:

— «Mas vócês já tiraram o retrato?»

— «Já tiramos o retrato, e, por signal, que ficou muito lindo!»

— «Que penna! O' *collega!* e eu então que desejava ficar a caballo no Regidor em cima da Ponte!!»

— «No regedor!? na sua real verdade queria ficar a cavallo no regedor da freguezia?»

— «Não sinhor! N'um burrico que tiênho alli na córte, fino como todo-los os diabos! o collega quer vêr?»

*

Leva o diabo o *collega* mai-lo cavallicóque do Regidor...

Póvoa de Varzim.

CANDIDO LANDOLT.

ARTE

5.º ANNO — N.º 52

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO, 310—PORTO

PORTO — ABRIL DE 1909 — PREÇO 120 REIS



COIMBRA — IGREJA DE S. THIAGO — VISTA INTERIOR

Cliché do Centro Photographico Academico — *Simili-gravura de Marques Abreu*

IGREJA DE S. THIAGO

(COIMBRA)

Na sua longevidade de sete seculos e meio, poucos edificios terám passado por tantas vicissitudes damnosas e rudes attentados á sua integridade.

No interior reformas e accrescimos avassalaram a obra antiga, — mais que sufficientes para a completa deturpação da sua compleição physionomica e organica; no exterior, por sobre a igreja foram acumuladas uma outra igreja e construcções pesadas, de tal fórma irracionaes, que só por circumstancias fortuitas de equilibrio se podiam manter.

E comtudo a sua estructura era tam simples e sobria, que esses vandalicos desastres não conseguiram apagar os elementos fundamentaes e predominantes da sua traça primitiva.

Tam simples, que apezar da apparencia desvalida de ruinas, pouco vem a faltar, para a sua reintegração completa.

Desde muito que vozes exuladas deploravam

Comp. e Imp. — Typ. Universal
Rua das Oliveiras, 75 — Porto.



COIMBRA—IGREJA DE S. THIAGO—VISTA EXTERIOR

Cliché do Centro Photographico Academico *Simili-gravura de Marques Abreu*

a impossibilidade de readquirir, para a cidade e para a nação, este templo medieval de raro caracter e singular concepção, dentro da evolução typica da architectura romanica peninsular.

E ninguem se atreveria a acreditar como exequivel esta empresa, que demandava energias excepcionaes de iniciativa e recursos onerosos de dispendio.

Ultimamente, porem, contingencias imprevistas de administração local deram inesperadamente em resultado a deliberação, honrosissima para a Camara municipal d'esta cidade, de expropriar e demolir as construcções inverosimeis que por todos os lados comprimiam e desfiguravam a fabrica romanica.

O conjuncto de circumstancias, que produziu consequencias de tal alcance, é uma interessante confirmação de como grandes acontecimentos muitas vezes dimanam de incidentes minimos.

O programma da construcção é realmente singular, bem diverso dos typos romanicos de Coimbra, existentes e desapparecidos, cuja traça é conhecida. Em resumo: forma basilical; trez naves, ausencia de arcos, collateraes; cobertura de madeira, de duas vertentes, supportada por columnas robustas, monocylindricas, de grande modulo, em que o abbaco circular exerce a funcção de capitel. Sómente os supportes terminaes, fronteiros aos espaços interabsydaes, sam pilares com meias columnas adossadas nas faces.

Esta disposição original e anomala, entre nós, posta a descoberto, foi a principio incomprehendida e lançou a perturbação e desconfiança nos espiritos incertos.

Hoje, graças aos esforços de todos aquelles que se têm empenhado em agitar a attenção publica em favor do velho templo, o assumpto acha-se esclarecido e as anormalidades apparentes da sua estructura justificadas e aceites, com amplo successo.

N'este momento o espirito publico segue com vivo interesse o andamento e os episodios da restauração, que o governo iniciou e faz proseguir, sob a direcção circumspecta d'um architecto de alto valor.

Assim, levada a effeito a reconstituição d'este monumento romanico, com os escrupulos de probidade e intelligencia artistica, com todo o esmero da sua veracidade historica, será mais um titulo a nobilitar esta cidade, possuidora de tantos attractivos e documentos, que illustram e engrandecem os fastos da civilisação portugueza.

A. Gonçalves.

FAIANÇAS D'ARTE



Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, o herdeiro de um grande nome, pode considerar-se justamente um vencedor na arte admiravel em que seu pae firmou para sempre a sua gloria.

A faiança artistica das Caldas da Rainha é, pode dizer-se, um patrimonio de familia. Manuel Gustavo empenha-se em manter de pé essa herança imperecivel que Rafael Bordallo, a poder de genio, foi produzindo em horas consumidoras de febre, nos sortilegios da sua olaria maravilhosa. Foi assim que elle deu originalidade e graça, exuberancia, delicadeza e imprevisto a uma serie de faianças, de feição inteiramente nova, em que surgem, a cada passo, elementos decorativos que apparentemente se contradizem, mas que, na realidade, produzem um effeito surprehendente.



O barro docil afeiçoava-se a todos os caprichos da fantasia do oleiro, e aquillo que em outras mãos não seria mais do que uma simples e vulgarissima manifestação de trabalho, sem um lampejo de gosto ou um assomo de originalidade, é, nas faianças de Bordallo, uma obra d'arte perfeita, graciosa e linda, affrontando, em suas aristocracias de forma e no imprevisto dos seus motivos decoraes, as louças ordinarias de commercio.



Simultaneamente ceramista e esculptor, decorador e caricaturista, levado pela exuberancia da sua fantasia, ia creando modêlos novos, n'uma fecundidade assombrosa, desbordante.

Manuel Gustavo, que é hoje tambem um bello artista, era, ao tempo, o collaborador valioso da obra extraordinaria de seu pae. Ha entre os dois differenças profundas que não tentarêmos sequer pôr em relêvo.

Rafael Bordallo triumphava na faiança muito depois de haver triumphado na caricatura politica. A sua obra fez-se em abaladas de genio, nervosamente, em impetos desordenados e febris. Mas n'ella refulge, em plena pujança, o estro creador do artista magnifico.

Manuel Gustavo, porventura, menos original, segue a distancia o mestre incomparavel. Ha n'elle a indole e o temperamento do obreiro pertinaz que medita, que traça antecipadamente um plano, cuja realisação a força da sua vontade garante. O seu talento não conhece impaciencias, porque o artista caminha com a segurança dos fortes que não receiam os accidentes da jornada.

Para elle, a conservação da faiança das Caldas da Rainha, com a indole requintadamente





MANUEL GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO

Cliché da Photographia Guedes *Simili-gravura de Marques Abreu*

estetica que lhe communicou seu pae, é perfeitamente um caso de consciencia. A immortalidade de Rafael reclamava mais esse sacrificio.

Manuel Gustavo chega a desprezar a sua propria gloria, tomando exclusivamente a peito a conservação da gigantesca, da extraordinaria obra do chefe incontestado da dynastia dos Bordallos. Mas o seu talento, que é grande, começa a produzir as mais nobres affirmações de belleza. E assim, inconscientemente talvez, elle irá preparando a sua definitiva consagração.

O bello certamen que, ha dias, se encerrou na Sociedade Portuense de Bellas-Artes é d'isso uma prova segura e concludente.

J. C.



SOCIEDADE DE BELLAS ARTES—UM ASPECTO DA EXPOSIÇÃO

Simili-gravura de Marques Abreu

MOSTEIRO D'AROUCA

II

Era riquissimo o mosteiro, uma das casas religiosas mais opulentas de Portugal. Nos fins do seculo XVI, era senhor de todo o feracissimo valle de Arouca, n'uma redondeza de mais de 20 kilometros quadrados, fruia os direitos reaes sobre a villa e toda a jurisdicção, muitas propriedades e rendas no concelho de Estarreja, com varios padroados de egrejas e o dominio directo de muitas herdades no concelho de Fermedo, e recebia além d'isso avultadas e muito valiosas rendas e foros de numerosos pontos do paiz, até mesmo dos mais afastados [1].

No trienio que decorre de 1786 a 1789, as receitas do mosteiro foram 37:199$290 réis, não havendo nada de extraordinario que as fizesse augmentar.

Com tão largas rendas não é para admirar que as suas abbadessas no decorrer de tantos seculos, como foram os da sua existencia, adquirissem valiosas alfaias para o serviço do culto, como era uso nas

[1] *Occidente.*—Vol. VII, pag. 30.



FAIANÇAS D'ARTE—SANTO ANTONIO

Simili-gravura de Marques Abreu



FAIANÇAS D'ARTE—PRATOS

Simili-gravura de Marques Abreu

casas religiosas em que os meios abundavam. E assim succedeu. O mosteiro d'Arouca rico em rendas não o era menos em objectos do culto. Os primeiros e sem duvida não menos valiosos foram os que lhe legou a santa rainha D. Mafalda, sua reformadora e grande bemfeitora, no testamento com que faleceu em 1256 e em que ha esta disposição:



MOSTEIRO D'AROUCA—RELICARIO—Fechado

Simili-gravura de Marques Abreu

«Item demitte eis totam meam Capellam & crucem majorem & ditagas & brachium de argento cum omnibus reliquis quae ibidem inventae fuerint, & Cruxifixum magnum de ebore & mages tates & prohibeo sub benedictione & maledictione dictarum reliquiarum quod nec Aldas aliquis, nec Abbatissa, nec vir, nec mulier possit alienare, vel devidere, nec transferre, nec auferre á Monasterio de Arauca.»

Devia ser precioso o thesouro do mosteiro, quando em 1834 um decreto do dador da Carta veio pôr termo ás profissões religiosas decretando assim n'um futuro mais ou menos proximo o seu total aniquilamento. E era-o, com effeito, a avaliar pelo que chegou até nossos dias, pelo que a tradição diz haver-se dissipado, e, pelo que consta dos antigos inventarios das duas sachristias, não obstante a sua deficiencia, e, que ao presente se guardam na Bibliotheca publica.

Claro testemunho de tudo isto são os dois formosissimos

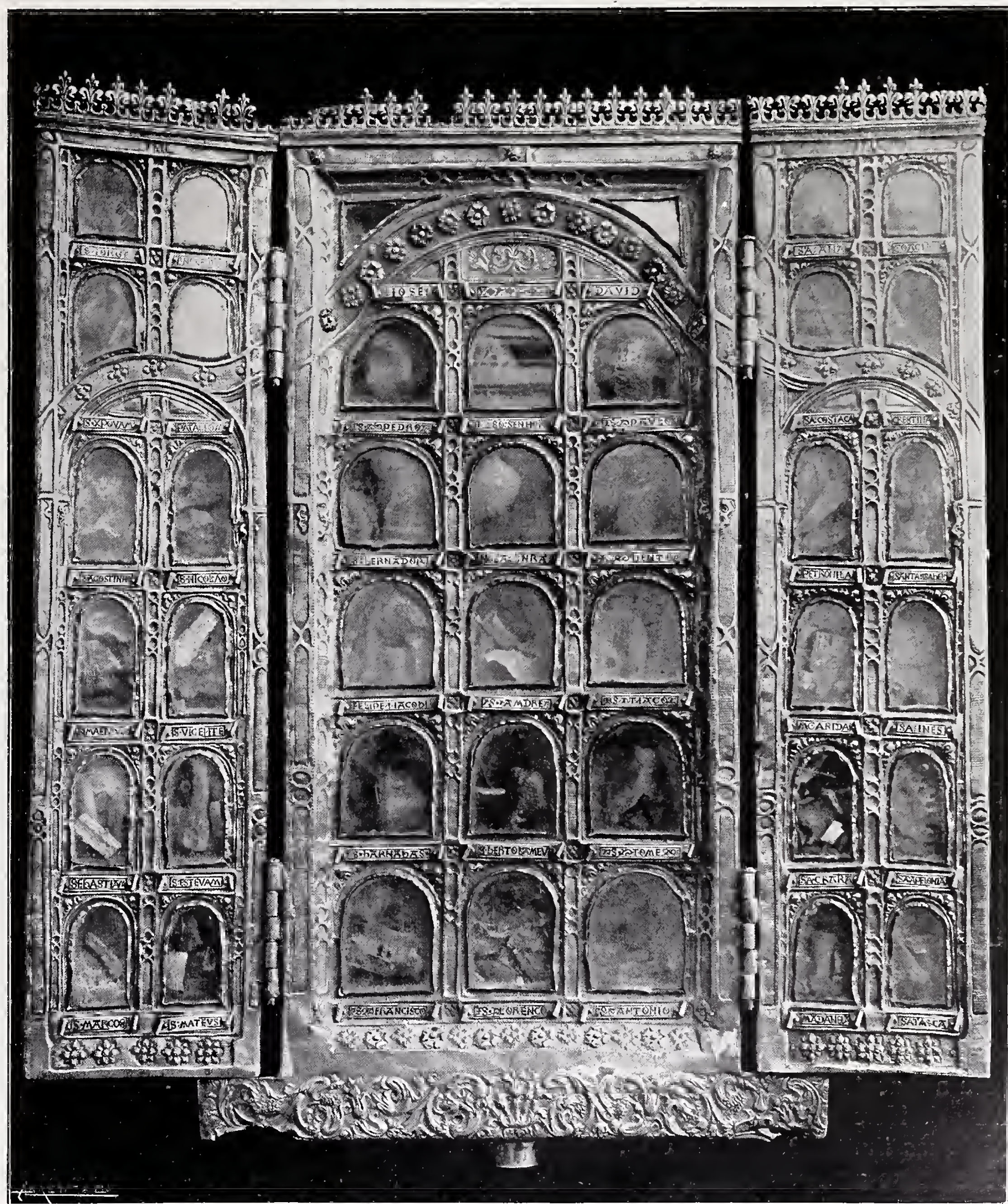
calices, da Misericordia, que foram d'Arouca, e, adquiridos por compra ás religiosas pelo fundador do museu Alem, e o triptico, e a cruz, relicario que a *Arte* hoje publica. Estas duas magnificas peças de ourivesaria appareceram pela primeira vez em publico na Exposição d'arte sacra ornamental de Lisboa em 1895.

Levou-as ali quem isto escreve.

Até á extincção do convento, em 1886, ninguem sabia em Arouca da sua existencia nem mesmo a maioria do pessoal d'elle, tal era o cuidado com que as antigas religiosas as occultavam aos olhos de todos.

Pertencem presentemente á Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda erecta na egreja do mosteiro, a quem foram concedidas com os demais paramentos e alfaias d'elle, pelo governo e a sua reproducção graphica conservou-se até agora inedita.

O relicario triptico, dá-o a tradição como havendo pertencido á Rainha Santa Mafalda. Talvez, mas a admittir-se esta suposição, hade admittir-se tambem que dois seculos depois foi inteiramente transformado. A capa de prata que o reveste por completo, tanto externa como internamente, é obra do seculo XVI! A prova está na ornamentação vegetal que n'elle predomina, e que na ourivesaria não foi introduzida antes d'esta epocha. Outra prova, e esta irrefutavel, é o seu interior, uma especie de portico que tem o centro formado por um arco trilobado, as rosaceas de prata não douradas ou esmaltadas que se espalham por todo elle, os ornatos a *pointillé* e, finalmente, a fórma dos caracteres que designam os nomes dos santos a que pertencem as reliquias que n'elle se guardam e que é tudo dos principios do seculo XVI.



MOSTEIRO D'AROUCA — RELICARIO — Aberto

Simili-gravura de Marques Abreu



CRUZ RELICARIO

Simili-gravura de Marques Abreu

Quando em 1753 se organisou o processo para a canonisação da Rainha D. Mafalda, que no dizer de Herculano, parece ter merecido, mais do que suas irmãs, D. Sancha e D. Thereza, o ser contada no numero das santas, foi o triptico presente a dois ourives Martinho de Cerqueira e José Pereira Mendes, nomeados peritos para as obras de prata que tinham pertencido á mesma rainha e que a proposito d'elle fizeram esta declaração:

«Que a custodia chamada *Santuario da Rainha*, que se achava convenientemente collocada na repartição superior do Armario das Reliquias dentro d'uma Custodia, que continha as Reliquias do Leite e Sangue de Santa Catharina, e o braço de prata que continha varias reliquias de Santos, era toda de prata lavrada e dourada com as respectivas portinholas, chavesinha e fechadura tambem de prata, toda guarnecida com uma renda de prata dourada, e era sustentada nos lados por figuras do mesmo metal, que representavam Leões. A dita custodia tinha tres palmos e meio de altura, tres palmos de largura, e no interior quasi um palmo. O vão d'esta Custodia estava dividido em 44 nichos, em que estavam dispostas por ordem outras tantas Reliquias de Santos, isto é, da *Santissima Virgem,* dos *Doze Apostolos*, de *S. José,* de *S. Joaquim,* de *Santa Anna,* do *Santo Evangelista,* dos *Patriarchas S. Bento* e *S. Bernardo* e de outros Santos e Santas com as suas respectivas inscripções, em cada um dos mesmos nichos gravadas em prata a buril. Nas portinholas com que se fecha a dita custodia havia quatro baixos relevos de prata representando respectivamente os Apostolos S. Pedro e S. Paulo e os Patriarchas S. Bento e S. Bernardo (1)».

Os mesmos peritos foram de parecer que o santuario da Rainha (triptico) devia contar cinco seculos de existencia, attenta a *boa qualidade da prata e a forma e execução da obra.* Pois julgaram mal, muito mal. Os lavores e execução do trabalho indicam-lhe logo á primeira vista incomparavelmente menos idade.

Mais antiga que o triptico, menos espectaculosa mas muito mais elegante, é a cruz relicario, em que, se *vera est fama*, se guardam um pedaço da cruz em que Jesus Christo foi morto e um dos espinhos da corôa com que lhe cingiram a Fronte Divina. E' de prata dourada e a nitidez da semile gravura dispensa bem qualquer descripção. A base sobre que assenta é como reconhece logo á primeira vista um enxerto moderno. Decerto pertenceu a um calix a julgar pela sua fórma hexagona. A base primitiva se a teve devia ser quadrangular.

Marques Gomes.

(1) Sacra rituum congregatione êmo & rõmo domino card, corsinio lusitana seu Lamecen. Canosationis beatae mefaldae filiae sanchii. Igregis portugalliae reginae castallae ac deinde monialis ord. cistereinsis, ac reformatricis monasterii S. Mariae de Arouca. Positio super cultu. Romae, MDCCXC – Pag. 205.

ERRATA

No n.º 50 sahiu errada a designação da gravura de pag. 15. Em vez de ser **AVEIRO — Claustro do Mosteiro,** como sahiu, deve ler-se **AROUCA — Claustro do Mosteiro.**

ARTE

5.º ANNO N.º 53

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO, 310—PORTO

PORTO — MAIO DE 1909 PREÇO 120 REIS

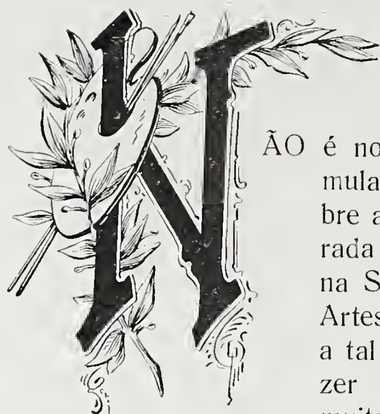


ALLEGORIA — Baixo-relevo de Teixeira Lopes

Simili-grav. de Marques Abreu

Comp. e Imp. — Typ. Universal
Rua das Oliveiras, 75—Porto.

EXPOSIÇÃO D'ARTE



NÃO é nosso intuito vir formular juizos criticos sobre a exposição, inaugurada ha cêrca de um mez, na Sociedade de Bellas-Artes, visto que quanto a tal respeito havia a dizer se encontra de ha muito explanado.

Mas a *Arte* não póde eximir-se ao dever moral de fallar d'essa exposição, destacando o nome d'aquelles que n'ella mais se evidenciam.

N'um meio como o nosso, quasi refractario ás manifestações esteticas, onde o gosto é quasi sempre detestavel, a propaganda tenaz, intelligente e criteriosa dos nossos artistas começa, e ainda bem, a reflectir um alcance educativo.

Se ha ainda quem pretenda confundir obras de pura arte com trabalhos de commercio, a verdade é que aos olhos dos que sabem vêr tal confusão não é possivel.

É por isso que o esforço dos nossos artistas não póde deixar de obedecer a este criterio, sob pena de toda a sua propaganda resultar moralmente improductiva.

Sobre a exposição da Sociedade de Bellas-Artes muito se tem dito e escripto já. Mas nem o louvor exaggerado augmenta o valor a obras que, porventura, o não tenham, nem a critica mais acerba destroe a reputação de artistas cujo merito não carece de ser enaltecido.

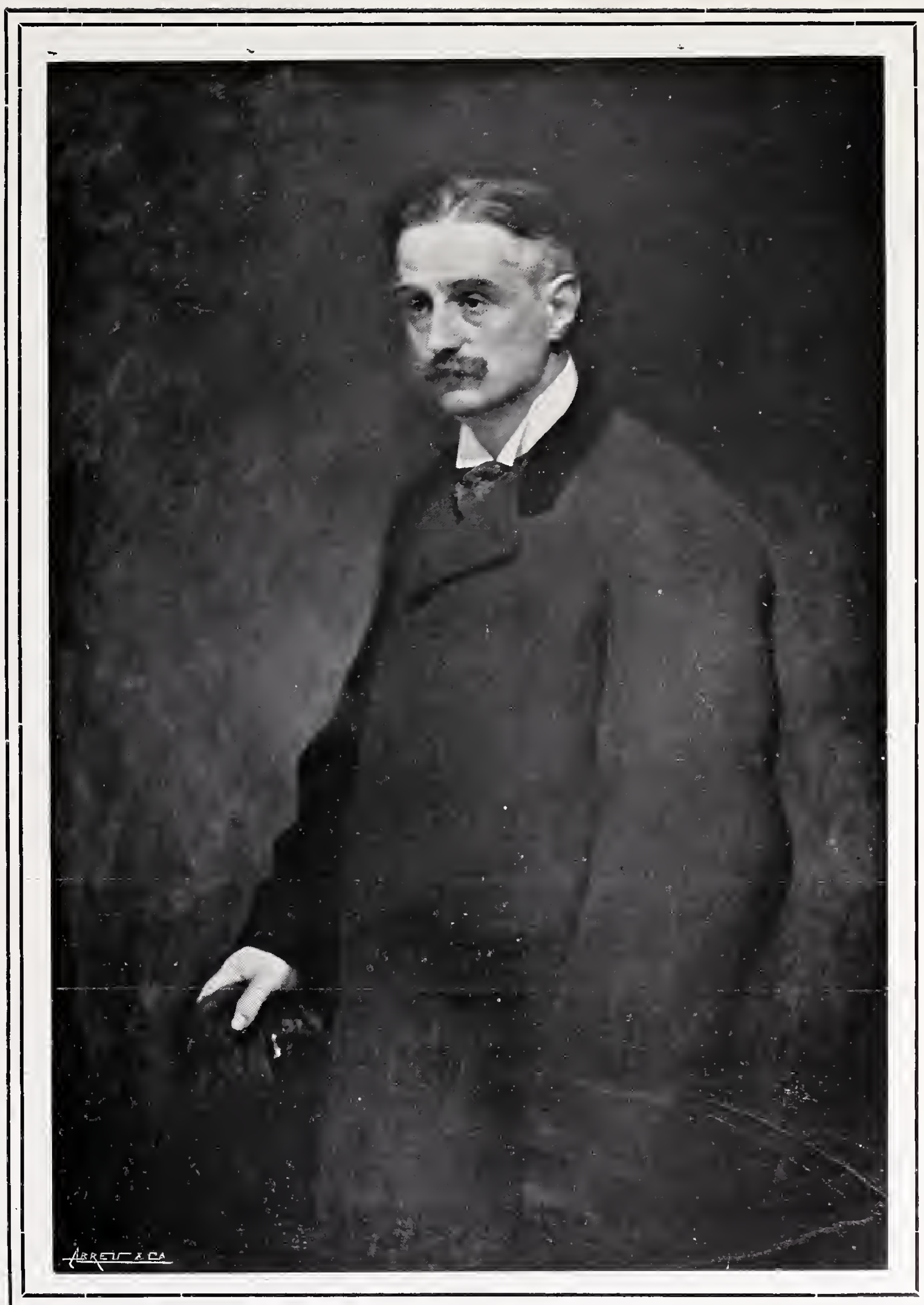


MENINOS — Esculptura de Teixeira Lopes

Simili-gravura de Marques Abreu

Lêmos algures diatribes injustas e manifestamente inconscientes contra individualidades que são alguma cousa na arte portugueza. Fizeram-se aggressões levianas a José de Brito e desdenhou-se um pouco da obra elevada de Candido da Cunha. Se, porventura, tivessem imputação os criticos improvisados que assim procederam, poderiamos dizer-lhes que os trabalhos de José de Brito, com os defeitos que não podem deixar de encontrar-se n'uma obra vasta e febrilmente realisada, mostram ainda assim um talento admiravelmente dotado que não fraqueja aos latidos dos que andam a ladrar-lhe ás canellas.

O pintor José de Brito sustentou-se treze annos em Paris, vivendo exclusivamente do pincel; e os criticos *imbecis* da capital franceza trataram sempre carinhosamente este *nullo*, que tem quadros como *Um martyr do fanatismo* e o *Domingo de Paschoa*, obras que seriam bastantes para fazer a reputação de um grande artista.



Retrato de J. CORDEWEENER — Quadro de João Augusto Ribeiro

Simili-gravura de Marques Abreu

Acêrca dos retratos que o pintor apresenta no certamen, e que não temos a pretensão de considerar impeccaveis, escreveram-se barbaridades, que seriam severamente castigadas, n'um curso onde se balbuciassem as mais elementares noções de estetica. Por favor, apreciaram-se as suas aguarellas.

De passagem, apenas dirêmos que nos inspira o maximo respeito a obra honesta, embora desegual, d'este trabalhador incomparavel que, em cada exposição, nos dá novas provas da sua actividade valiosa e essencialmente productiva.

Candido da Cunha tem direito a que sejam demoradamente fixados os seus estudos de paisagem. É um verdadeiro poeta no sentimento com que interpreta os scenarios da natureza. Elle pinta como ninguem os esmorecimentos da luz, ás horas crepusculares em que as sombras se alastram pelos campos, e sobre a terra que adormece morrem as vozes dos que abandonam o trabalho.

Outro paisagista que solicita a nossa attenção



PINHEIROS MANSOS — Quadro de João Augusto Ribeiro

Simili-gravura de Marques Abreu



SOL POSTO; RIO AGUEDA (Pastel) — Quadro de Candido da Cunha

Simili-gravura de Marques Abreu



TRECHO DO AREINHO — Quadro de Candido da Cunha

Simili-gravura de Marques Abreu





DEPOIS DA COLHEITA — Quadro de Julio Ramos

Simili-gravura de Marques Abreu



LEONOR — Quadro de Almeida e Silva

Simili-grav. de M. Abreu

discipulo de Arthur Loureiro, se podesse exclusivamente consagrar-se á pintura, viria a ser, n'um futuro bem proximo, um dos nossos paisagistas mais notaveis. O sr. Huguenin ha quatro annos que trabalha com uma grande fé, e a sua obra vae-se tornando cada vez mais perfeita.

O sr. Eduardo Moura expõe um *Interior,* realisado com talento e de uma sinceridade notavel. Desejariamos devéras que este consciencioso artista continuasse a pintar quadros de genero, onde nos parece que o seu temperamento se encontra perfeitamente á vontade.

Todos os outros pintores se esforçaram por ter representação decorosa.

Na secção de esculptura é justiça salientar a obra honesta e realmente elevada de Teixeira Lopes e os trabalhos de Alves de Souza, Oliveira Ferreira e D. Adda da Cunha.

Esse bello grupo de creanças dormindo, de Teixeira Lopes, flagrante de observação e de uma factura sobria e delicadissima, merece devéras que n'elle se detenham os olhos.

O illustre estatuario da *Viuva* tem já

e vem fazendo uma bella carreira é Julio Ramos. O admiravel pintor da *Entrada dos barcos* era por muitos considerado uma individualidade perdida para a arte. Sinceramente desejamos que continue a affirmar, como hoje, a sua extraordinaria vitalidade.

João Augusto Ribeiro affirma-se, de subito, um notavel pintor de retratos. A sua representação n'este certamen é das mais elevadas, e dá-lhe o direito a reivindicar entre os artistas portuguezes contemporaneos o honroso logar que lhe pertence, pelo valor da sua arte tão sã, tão equilibrada e tão sincera.

Das senhoras, D. Aurelia de Souza e D. Margarida Romão merecem ser especialmente notadas.

De indole inteiramente diversa, a obra das duas artistas tem caracteristicas inconfundiveis. D. Aurelia de Souza, cujo talento varonil a critica consagrou ha muito, encontra-se na plena posse das suas poderosas faculdades; e D. Margarida Romão progride sempre, mostrando nos seus quadros de flôres, agora expostos, que é a mesma a sua sinceridade e que são cada vez mais conscienciosos os seus processos de pintar.

Dos novos, os srs. Lucio Junior e Henri Huguenin merecem especial referencia. O primeiro,



INTERIOR — Quadro de D. Aurelia de Souza

hoje numerosos detractores. É a sorte de todos os fortes que affrontam a mediocridade ambiente e conseguem dominal-a do alto da escarpa a que os elevou o seu valor e a sua grande fé no trabalho.

JOAQUIM COSTA.



CABEÇA DE PRETA (Bronze) — Esculptura de D. Adda da Cunha

TRECHO DA RIBEIRA (Porto) — Quadro de José de Brito

Simili-grav. de M. Abreu



UM INTERIOR — Quadro de Eduardo de Moura

Simili-gravura de Marques Abreu

As reproducções de quadros que apresentamos em photogravura, n'este numero da *Arte*, foram executadas sob photographias que mandamos tirar expressamente para este fim ao distincto photographo snr. J. Monteiro.

Foi este artista o primeiro que entre nós iniciou o uso de ecrans e chapas especiaes para photographar pinturas.

Felicitamo-nos por conseguir apresentar aos nossos assignantes estes trabalhos, feitos pelos mais aperfeiçoados processos em uso no estrangeiro.

ARTE

5.º ANNO N.º 54



PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO, 310—PORTO

PORTO — JUNHO DE 1909 PREÇO 120 REIS

ROCHA PEIXOTO — Cliché da Photographia Moderna

Simili-gravura de Marques Abreu

Comp. e Imp. — Typ. Universal
Rua das Oliveiras, 75 — Porto.

Illmo *e Ex.*^mo^ *Snr. Presidente do Municipio da Povoa de Varzim.*

Perdido para sempre o espirito d'aquelle que foi o melhor dos irmãos, nada mais restava á sua familia, que eu aqui represento, que o precioso thesouro do seu pobre involucro material.

Desejá-lo hia ella conservar no seu culto intimo, numa recolhida e perenne consagração de carinhosa saudade familiar.

O municipio a que V. Ex.ª preside, porém, tendo em conta a dedicação e os serviços do querido morto ao paiz, num gesto raro com que extraordinariamente se nobilita, reclama-o para a homenagem publica da terra que o viu nascer e a que elle tanto quiz e tanto amou: adorando a onda, estudando o pescador, perscrutando o solo, bemquerendo aos homens, memorando figuras!...

Porque será gratissimo á sua memoria o eterno repouso na villa natal, a familia curva-se reconhecida ante o generoso e terno procedimento do municipio da Povoa de Varzim e confia-lhe as cinzas d'aquelle que foi o seu amparo, a sua aza protectora e o seu unico e legitimo desvanecimento.

Acceitae-as, pois, ex.^mo^ snr., para a guarda amoravel e veneração piedosa dos corações dos conterraneos d'elle, a quem se podem applicar as palavras do celebre epitaphio medievo:

«a morte teve inveja do seu crescimento pois que da vida o levou» não lhe deixando realisar a obra patrioticamente idealisada — desventura maxima que todos nós amargamente deploramos e que ao fim d'esta derradeira viagem do Nevermore me faz sentir a mim, discipulo affeiçoado, companheiro constante e collaborador obscuro do amado morto, a verdade extranha do melancholico verso de Verlaine:

Mieux vaut n'avoir jamais connu la vie.

16-V-909.

MANUEL MONTEIRO.

ROCHA PEIXOTO

INDIVIDUALIDADE proclamada desde o alvoroço distante das escolas não cessou de accrescer até ao momento em que um mau Destino a colheu na febril e fecunda actividade do seu espirito.

Ferido pelo infortunio amargo, na doce alvorada da juventude, Rocha Peixoto teve que desviar-se, de subito, da sua marcha e do seu fito para entrar, desde logo, na vida luctando.

Excepcionalmente dotado, porém, triumphou, não usando comtudo de meios menos licitos para alcançar a *réussite* á semelhança dos mediocres e dos avariados. A par da sua enorme envergadura mental servida por um saber complexo, brilhavam a nobreza do seu caracter e a lisura da sua conducta. De resto como todos os fortes e vencedores era um homem de coração.

Não houve ninguem, ou raro foi aquelle que o topando entregue ao proprio esforço na ladeira difficil da existencia e lhe solicitasse o seu auxilio que o não tivesse, prompto e seguro, com a solicitude emergente da sua encantadora bondade.

No emtanto e apezar de tudo sentiu muitas vezes a dolorosa crueza da ingratidão e da vileza humanas. O conhecimento dos homens e da sua irreductivel torpeza tornaram-n'o retrahido e, cada vez mais, recolhido á intimidade e ao culto da familia, no seio da qual, immediatamente, se abria o seu temperamento espirituoso e communicativo e a sua jovialidade espontanea, como a espuma clara que borbulha á flor da agua desnevada e limpida.

Por outro lado, presentindo que tinha feito a maior parte do seu percurso, isto é, que tinha vivido mais do que lhe restava para viver, profundamente se alegrava e commovia com o appparecimento, o encontro, a epistola mesmo d'algum cordeal amigo que lembrava os tempos e os sonhos da saudosa e apagada mocidade.

Quantas vezes a não ia, enternecidamente, evocar e reviver transitando, em passadas lentas e saborosas, pelos sitios onde ella mais havia estuado e a que mais fundas e mais gratas reminiscencias haviam ficado presas! Porque da sua mocidade promanava o aturado labor e o radioso enthusiasmo por um ideal que havia escandecido os cerebros juvenis da sua geração.

Ora a geração a que Rocha Peixoto pertenceu foi, sem duvida alguma, a ultima de brilho que viram as escolas do Porto.

O espirito que a animou não foi, decerto, o d'uma conformação e compostura ante o existente, mas, por solidamente sabedora e audaz, o d'uma attitude aguerrida contra a ignorancia e contra a tolice que sempre foram o apanagio d'esta patria envilecida.

Portanto esse grupo em que cachoava o verdor dos vinte annos rompeu em fogo de revolta e demolição contra o estatuido e consagrado nos dominios do saber official; e por tal forma foi dirigido que surprehendeu e provocou a curiosidade geral.

D'onde viria assim apetrechado e adestrado o primeiro iconoclasta?

Ninguem o sabia, apenas se relacionava o seu nome com o d'um conhecido professor da Universidade.

Esse rebelde, erudito e sciente, era Rocha Peixoto que aos dezenove annos promovia uma das mais luzidas campanhas que a Arte ainda teve em seu favor em Portugal.

Mas esse conclave de moços, que começavam a esquadrinhar a historia, a destrinçar a raça, a annotar o costume, a tradição e a crença, a revolver o solo, e, consequentemente, a estabelecer os planos e projectos d'uma integra regeneração nacional, emquanto a fusilaria do combate se crusava com fragor, lançava os alicerces d'uma obra duradoura e patriotica com a fundação da Sociedade Carlos Ribeiro que teve por orgão a *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*.

D'uma e d'outra, que uniram no mesmo objectivo quasi toda a aristocracia da mentalidade nacional, foi Rocha Peixoto, verdadeiramente, a alma.



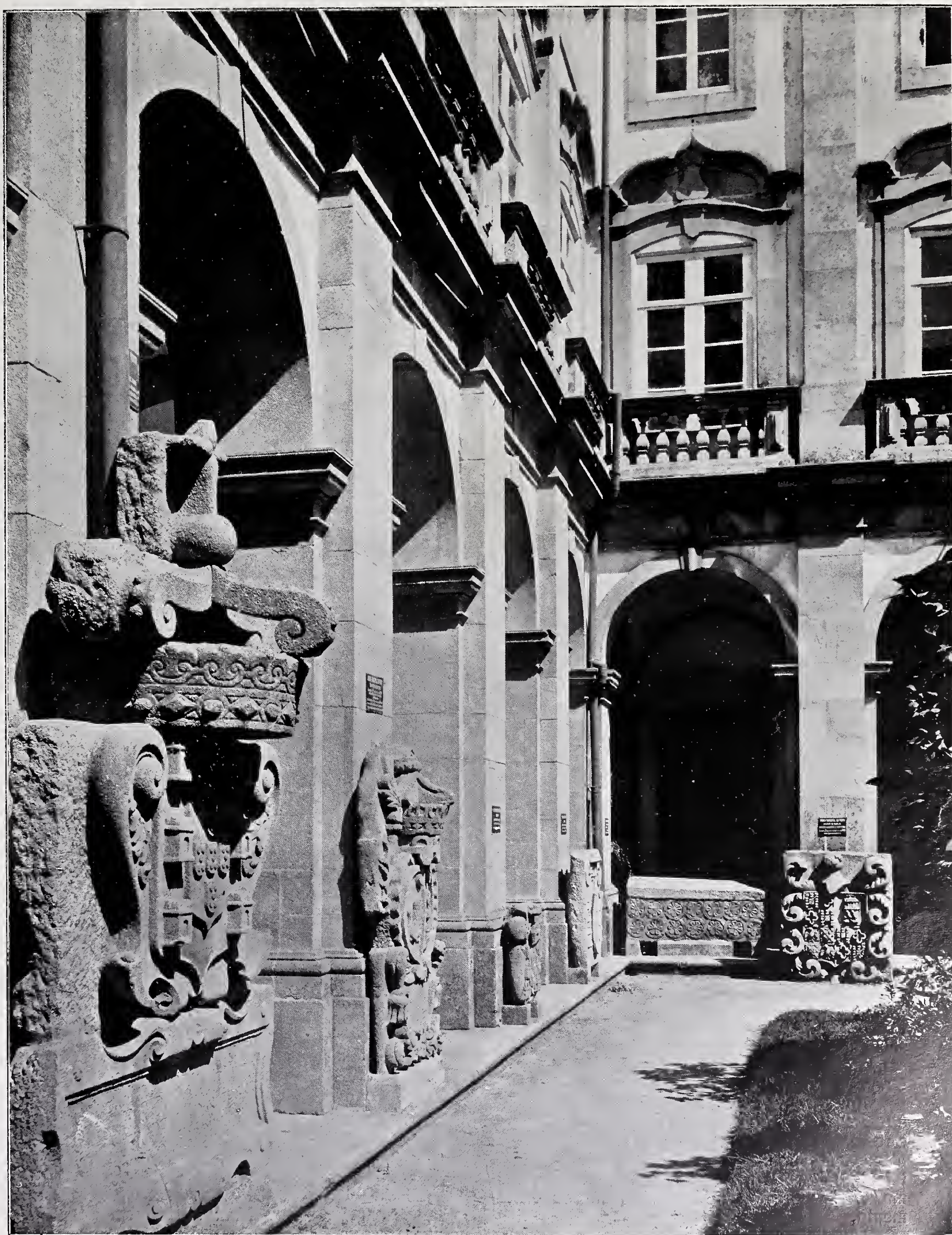
PORTO — MUSEU MUNICIPAL — Secção archeologica fundada por Rocha Peixoto

Simili-gravura de Marques Abreu



PORTO — MUSEU MUNICIPAL — Secção archeologica fundada por Rocha Peixoto

Simili-gravura de Marques Abreu



PORTO — MUSEU MUNICIPAL — Secção archeologica fundada por Rocha Peixoto

Simili-gravura de Marques Abreu

N'essa publicação, a melhor no seu genero entre nós, alem d'uma collaboração ininterrupta e de somenos importancia que documentava todavia a somma e a latitude dos seus conhecimentos deixou elle uma memoria ethnographica — *Notas sobre a Malacologia popular* — que mereceu a mais lisongeira attenção de Paul Sébillot e outra anthropologica — *A Tatuagem em Portugal* — que encontrou em Lombroso um effusivo applauso e um acolhimento singular e lhe deu entrada na aggremiação dos nossos *immortaes*.

Tinha então vinte e trez annos — a idade das lindas aspirações que a desventura principiara a deitar por terra, lento e lento, como as folhas doiradas do outomno que o leve sopro do vento derruba.

Data de pouco antes, com effeito, o seu desvio no rumo traçado.

A sua actividade, então, arrancada abruptamente das aulas (1890-1891) e lançada n'outro trilho, foi-se desdobrando mais e mais no desempenho de commissões scientificas, nas funcções de naturalista da Polytechnica, onde a sua competencia ficou desde logo e para sempre assignalada, no cargo de professor da Escola Industrial e n'uma extraordinaria vulgarisação scientifica, na imprensa periodica, em que, pormenorisadamente, e por uma forma attrahente e adoravel, explicou e revelou ao publico, ignaro e indifferente, os palpitantes *Assumptos Coloniaes* e a *Terra Portugueza*.

Entretanto a *Revista* continuava mercê da sua infatigavel energia e do seu cuidadoso amparo porquanto a Sociedade Carlos Ribeiro, se bem que officialmente se mantivesse, na verdade, deixara de existir, pois assim o determinara a ineluctavel e fatal exigencia da Sorte: uns socios haviam-se escondido na sombra da morte, outros, foram arredados para longe nas ondas amargas da dispersão da Vida.

Um d'estes, Ricardo Severo, o amigo querido, conseguira voltar, porem, opulento, e, com o ardor d'inicio, no proposito inabalavel de realisar um dos sonhos dos alvores da mocidade.

O orgão da Sociedade findou, pois, no vigesimo fasciculo e quinto volume, com a *Noticia Biographica* de Carlos Ribeiro, o sabio emerito, e com a *Notula Historica* d'esse agrupamento subscripta por Rocha Peixoto (1898).

Foi então que se gerou a *Portugalia*. Não é para detalhar aqui a sua lida no congregamento d'affeições, na conquista de collaboradores litterarios e artisticos, na organisação material e esthetica d'essa grande tuba que revelou ao universo, sob a mais alta expressão da Sciencia portugueza e n'um esplendido revestimento formal, a nossa *Grey*.

A esse monumental e radioso Archivo, sobre que peza a amarga incerteza do Destino e que fora o resultado d'uma candida, sympathica e patriotica idealisação, ligou Rocha Peixoto o melhor do seu talento e do seu coração e d'elle foi, tambem, a alma vivificadora quasi até á hora do seu passamento.

Nos dois volumes ficaram os seus trabalhos mais notaveis [1], fundamentados n'uma documentação colhida em flagrante, n'um eruditismo vasto, e expressos na prosa mais artistica e seductora que estudos congeneres jamais viram n'este paiz; o seu valor, de resto, avulta ainda pela orientação segura, pelo methodo lucido e pela superioridade com que foram expostos.

N'elles se acham talhados, como elementos architecturaes d'um soberbo edificio a construir e cortados n'um marmore admiravel e eterno, outros tantos capitulos da Ethnographia nacional para que ha tantos annos andava a trabalhar com afinco e paixão.

Vinha de longe, com effeito, esse extenuante inquerito á patria pesquizando todos os filões inexplorados e percorrendo as regiões mais asperas, mais remotas e mais isoladas do reflexo, sequer, da civilisação.

Não se avalia os sacrificios de toda a ordem que lhe custou essa tarefa eminentemente patriotica, por infelicidade, não acabada.

D'ella foi consequencia ultima o magistral estudo das *Sobrevivencias do Regimen Communalista em Portugal* (summario d'uma monographia inédita), cuja revelação causou uma real surpreza, não só em Portugal, mas tambem lá fóra.

Mas um anno volvido sobre o apparecimento da *Portugalia* (1899), onde as suas qualidades de escriptor e de sabio se accentuaram com tanto relevo e destaque, era elle chamado a dirigir a Bibliotheca e o Museu municipaes do Porto (1900) em que o seu espirito mais uma vez e em novas facetas teve ensejo de manifestar a amplitude das suas poderosas faculdades.

Perfeitamente á altura da missão a cumprir e a par do moderno labor scientifico, litterario e artistico, organisador e estheta, foi uma providencia para os dois estabelecimentos d'educação a cujo desenvolvimento se dedicou com um fervor inexcedido e inexcedivel. Ampliou e reformou installações, augmentou secções, preencheu lacunas, enriqueceu collecções...

De resto, atravez da sua existencia, rapidamente conspectada, ainda teve tempo e opportunidade para fazer, pela palavra e pela escripta, um largo proselytismo ao serviço da Sciencia e da Arte nacionaes.

Consequentemente, a vida de Rocha Peixoto toda consumida n'uma actividade febril e incessante, que não teve outro repouso senão o que lhe deu agora o tumulo, foi um alto exemplo de virtudes e uma nobilissima lição de civismo, n'este paiz, tão falho de iniciativa e vontade, honestidade e saber, e para o qual esperava melhores dias, quando sob uma nova forma politica, a que o teve sempre como um partidario convicto, apaixonado e firme.

Se, como julgava Montesquieu, uma bella vida é um pensamento da juventude realisado pela idade prudente, a de Rocha Peixoto, não só pela sua Obra e pelos seus resultados, mas ainda pela sua admiravel abnegação, foi extranha e singularmente bella.

Junho — 1909.

MANUEL MONTEIRO.

---

(1) *Os Palheiros do Littoral, As Olarias de Prado, Uma iconographia popular em Azulejos, Illuminação popular, Tabulæ Votivæ, As Filigranas*, etc. etc. etc.

DECORAÇÕES DE PAULINO GONÇALVES

A PINTURA decorativa, esta arte subordinada á architectura, que attingiu no Renascimento a sua mais alta expressão, vem de ha annos conquistando fóros d'uma arte superior. As condições impostas á arte applicada, que pareciam restringir ou quasi annullar os melhores esforços do genio livre e independente, são, com effeito, compativeis com as leis da arte pura. Ha, certamente, um maior numero de preceitos a observar, e d'ahi a hypothese d'uma coarctação de faculdades de espirito e de technica. A tendencia individualista da nossa epocha poderia ser fatal ao desenvolvimento deste ramo da arte applicada; felizmente, porém, vão os grandes artistas, modernamente, dando o exemplo no esforço collectivo, collaborando designadamente com o architecto, para uma perfeita homogeneidade do conjuncto monumental.

Puvis de Chavannes em França, Walter Crane em Inglaterra, fallando apenas destes dois luminares da arte contemporanea, provaram eloquentemente, com as suas obras, a necessidade da elevação do sentimento e do estudo profundo da natureza para a concepção de verdadeiras obras decorativas.



PLAFOND de Paulino Gonçalves



PLAFOND de Paulino Gonçalves

Poucos artistas portuguezes ainda consagram a este genero d'arte a sua attenção e o seu talento, talvez por um preconceito inadmissivel que tenta reduzir os meritos deste ramo pictural.

Uma tentativa louvavel e coroada do melhor exito notamos nas obras de Paulino Gonçalves, artista muito distincto que vem assimilando os modernos methodos.

N'este numero estampamos dous trechos dos *plafonds* recentemente executados pelo mesmo distincto pintor no palacete do snr. Arnaldo Coimbra.

Não é facil, pela gravura, julgar do aspecto geral da obra, infragmentavel de natureza, avultando prodigiosamente os salões, com uma coloração cheia de calma e luminosissima, que suggere o bem-estar e a felicidade como os recantos d'um jardim de Armida.





ESTUDO — Carvão de Candido da Cunha

Simili-gravura de Marques Abreu

ARTE

5.º ANNO — N.º 55

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR
MARQUES ABREU
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO, 310 — PORTO

PORTO — JULHO DE 1909 — PREÇO 120 REIS





A mi querido amigo, el escritor portugués y notable
critico de arte
José de Figueiredo
afectuoso recuerdo

Vicente Blasco
Ibañez

Lisboa Mayo 18/1909

VICENTE BLASCO IBAÑEZ

Simili-gravura de Marques Abreu

Comp. e Imp. — Typ. Universal
Rua das Oliveiras, 75 — Porto.

BLASCO IBAÑEZ

Se Blasco Ibañez não é propriamente um critico de arte, como erradamente lhe chamaram os que só conheciam os seus volumes pelas inscripções das lombadas, tem, entretanto, direito á consagração especial d'esta Revista pela nota affectiva que lhe merecem, nas suas admiraveis novellas, as artes do desenho. Na «Maja Desnuda», como, na «Cathedral», as suas impressões de Velasquez, Goya e as da monumental Sé de Toledo, são magnificas de suggestão, e, sempre que o artista se alarga um pouco mais a traçar um quadro, a evocação surge em todo o poder prodigioso do seu enorme talento, em que se adivinha a labareda quente do sol da sua terra.

E esses *paineis* que, nos seus romances, ainda apparecem muito entrecortadamente, a meio das fallas dos seus personagens, seguem-se mais de perto e succedem-se, já quasi ininterruptamente, no seu bello livro de viagens «En el país del arte», quebrados apenas, aqui e acolá, por uma divagação historica ou pela reconstituição de um typo que, mais flagrante e profundamente, impressionou o escriptor na sua jornada atravez as lindas terras de Italia.

Praza a Deus que a nossa pittoresca e bella terra mereça a Blasco Ibañez um estudo similar.



PORTO — TRECHO DO MIRADOURO — Desenho a lapis por J. Monteiro

Simili-gravura de Marques Abreu

AVEIRO

Capella do Senhor das Barrócas

E' um dos mais formosos templos da linda cidade do Vouga; em architectura decorativa o primeiro. O bello portico, que a simili-gravura fielmente reproduz, póde bem servir-lhe de certidão de idade, pois aqui o estylo é a épocha, seculo XVIII.



AS MENINAS — Quadro de Velasquez

Simili-gravura de Marques Abreu

Ignora-se o anno em que teve começo a edificação do templo, mas sabe-se que foi depois de 1721 e que estava concluido em 1732. Foi construido com as esmolas dos fieis e um subsidio tirado das sobras do *encabeçamento* das sisas do concelho d'Aveiro. Tem a fórma octogonal, com uma grande janella em cada uma das faces; é muito elegante e solidamente construido. Dezeseis pilastras de pedras esquadriadas, perfeitamente symetricas, reunidas de duas a duas, vão do sólo até o entabolamento de granito sobre que corre uma platibanda de quasi um metro de altura, d'onde se erguem a espaços elegantes pyramides ou agulhas rematadas por espheras, e, um singelo campanario coroado por uma cruz.

É soberbo o panorama que d'ali se gosa. Lá em baixo, e, a pequena distancia, a grande bacia d'agua salgada, que fórma a ria de Aveiro, povoada de centenas de marinhas e cortada por milhares de pequenos canaes; os vastos campos que n'uma planicie sem fim rodeiam a cidade; as dunas do Oceano, a barra e o farol; depois, ao norte, as populosissimas freguesias da Murtosa, Pardilhó e Veiros, do concelho de Estarreja: ao sul os concelhos de Ilhavo, Vagos e Mira; e em dias desanuviados, até o proprio cabo Mondego; e, ao nascente, emfim a perderem-se n'um largo horisonte, as montanhas do Bussaco e Caramullo, e as serras de Cambra e Arouca, se avistam d'ali como se tudo estivesse bem proximo, quando é certo que entre o local sobre que se ergue o templo e a maior parte d'isto se mettem de permeio não poucos kilometros.

A fachada principal do templo está voltada para o occidente, e, é n'ella que se entresacha o magestoso portal ou portico, que lhe dá accesso e que motivou este desalinhavado artigo. Parece que o architecto do templo empenhou de preferencia aqui, e nas duas portadas que lhe ficam aos lados, todos os seus recursos artisticos, pois, todo este conjuncto de cousas lindas fórma um verdadeiro contraste com a simplicidade de todo o interior do edificio.

Os dois anjos do portico, que o embate das tempestades tem gastado enormemente, exibem um, o sudario, e o outro, a tunica de Jesus, «que o musgo caprichosamente bordou de veludo



OS VENCEDORES DE SALAMINA (Fragmento) — Quadro de Cormon

Simili-gravura de Marques Abreu



O CORPO DE SANTA CECILIA CONDUZIDO ÁS CATACUMBAS — Quadro de W. Bouguereau

Simili-gravura de Marques Abreu

AVEIRO—PORTA PRINCIPAL DA CAPELLA DO SENHOR DAS BARRÓCAS

Simili-gravura de Marques Abreu

verde», como disse o meu amigo, Mello Freitas.

A lamina de bronse em fórma de fita que ornamenta o friso, tem esta inscripção. — *Domus mea domus orationis vocabitur pulsate et operietur vobis* [1].

A execução de todos os detalhes do portico é primorosa.

O interior do templo não desdiz do exterior; todo elle respira grandesa, e, as dez janellas que se rasgam nas paredes enchem-no de luz. Tem uma tribuna e dois altares de boa talha. N'estes ha duas pinturas, a tempera, atribuidas a Pedro Alexandrino e n'aquella uma cruz de pedra com Christo Crucificado, trabalho muito rudimentar, em cuja base se lê a data de 1707, e que é decerto o remate d'algum cruseiro.

MARQUES GOMES.



AS MENINAS

(QUADRO DE VELASQUEZ)

A obra-prima de Velasquez, que hoje estampamos, qualificada por Luca Giordano, na presença de Carlos II de Hespanha, como a *theologia da pintura*, é considerada, como *fac-simile* da natureza, o primeiro quadro do mundo.

É das poucas que não tem segredos para ninguem, que impressionam profundamente tanto os profanos como os iniciados. Nella os objectos e os seres são palpaveis, vivem; o ar circula, envolve-os, penetra-os. Ha a sensação do espaço nas degradações dos planos e da realidade nas figuras que respiram e fallam. Cerram-se involuntaria-

---

[1] A minha casa é a casa da oração; batei e ella abrir-se-vos-ha.



L'ARROSAGE — Quadro de Souza Pinto

mente as palpebras á luz que jorra pela porta entreaberta do fundo. Sentimo-nos transportados á epocha e ao meio da côrte dum monarcha que, para compensar os seus erros de publica administração, protegeu e avultou todas as grandes manifestações da Arte com rara magnanimidade e penetração de espirito.

Emquanto o grande artista pintava o retrato da infanta Margarida, pensou tomar por assumpto do quadro a scena de interior que á vista se lhe offerecia, em que elle proprio era actor. De pé, deante dum cavallete, á esquerda, está Velasquez munido da paleta; em frente delle a infanta Margarida Maria, ainda creança, acompanhada doutras que a distrahiam do enfado da sua immobilidade, e dos dous anões historicos: o lilliputiano Nicolau Pertusano e Maria Barbola, calcando o primeiro aos pés um cão que soffre pacientemente as suas impertinencias. Duas figuras, reflectidas ao longe num espelho, affirmam que Philippe IV e sua mulher assistem á sessão num canapé lateral. Por ultimo, ao fundo da galeria um fidalgo que sahe.

Liga-se a este quadro uma circunstancia interessante da vida do artista. Após os ultimos retoques, Velasquez perguntou, como de costume, sempre que concluia as suas obras, a Philippe IV, se nada faltaria ao seu trabalho; «ainda uma coisa» respondeu o principe; e tomando a paleta das mãos do grande artista traçou no peito da effigie deste a cruz da ordem de S. Thiago. Esta cruz é tal ainda como a deixou a real mão.

Dos muzeus da Europa, apenas o Belvedére de Vienna possue um segundo *Quadro de Familia,* do pincel de Velasquez. Analogo, quasi egual ao de *As Meninas*, representa desta vez, não a familia do rei, mas a familia do pintor.



«L'ARROSAGE»
«L'APPEL DU PASSEUR»

(QUADROS DE J. J. DE SOUZA PINTO)

Dous quadros offerecemos hoje á contemplação dos leitores, devidos ao pincel do nosso glorioso compatriota Souza Pinto, expostos em Paris, no *Salon* do corrente anno.

Já, ácerca deste artista apreciadissimo, dissemos o bastante, em numeros anteriores desta publicação.

Nas obras que reproduzimos presentemente denota-se a mesma orientação artistica, os mesmos caracteres de individualidade, as mesmas preferencias de plenarista sentido e commovido. O local em que as figuras vivem, ingenuas e simples, é, evidentemente, o mesmo, encantador, paradisiaco, que o artista no seu invejavel cosmopolitismo descobriu como fecundo manancial de inspiração e de suggestões preciosas.



L'APPEL DU PASSEUR — Quadro de Souza Pinto



A VELHICE — Cliché e simili-gravura de Marques Abreu

ARTE

5.º ANNO

N.º 56



PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO, 310—PORTO

PORTO — AGOSTO DE 1909

PREÇO 120 REIS

CANDIDO DA CUNHA — Cliché de Carlos Evaristo

Simili-gravura de Marques Abreu

Comp. e Imp. -- Typ. Universal
Rua das Oliveiras, 75—Porto.



Candido da Cunha — O VIATICO (Impressão de noite) *Salon* de 1898 — Paris

Simili-gravura de Marques Abreu



Candido da Cunha — VELHOS CARVALHOS (Outono)

Simili-gravura de Marques Abreu

CANDIDO DA CUNHA

NA arte portugueza contemporanea, poucas physionomias se distinguem tão claras e accentuadas como a de Candido da Cunha. Quem teve ensejo de examinar dez ou vinte das suas télas, juntas, em numero que não carece de ser muito elevado para definir de prompto a constituição e tendencias do auctor, apprehendeu-lhe o caracter, d'uma vez para sempre. É assim, tal qual o vimos quando se nos apresentou, que de futuro o encontraremos, identico a si mesmo na fidelidade incorruptivel a uma visão constante.

Póde, aqui e além, distrair-se, afrouxar, esquecer-se do enlevo que o captivou, para attender a apparições inesperadas, se lhe surgiram no caminho. Mas immediatamente acorda; e logo volta ao affecto intimo que perpetuamente o anima. Podem a phantasia e caprichos de destreza technica tental-o a pintar um retrato, uma flôr, scenas do lar e quadros do trabalho, figuras



Candído da Cunha — UMA MANHÃ NO RIO AGUEDA

Simíli-gravura de Marques Abreu

mythologicas ou trechos d'uma rua. Esses momentos serão, porém, verdadeiros errores da sua arte, as divagações inevitaveis, por mais bellas que se mostrem, de todo o temperamento impressionavel. O arrebatamento proprio da sua alma, aquillo que na realidade a inflamma, não se perdeu nem degenerou por breves instantes de adormecimento; resurgirá, com uma tenacidade e forças permanentes, a revelar-nos e a affirmar-nos aquillo em que não cessa de absorver-se — um profundo sentimento da paysagem.

Essa paysagem da sua preferencia não será nem a infinita multiplicidade de fórmas e aspectos das cousas geradas na terra e das suas relações com os astros, nem a riqueza de vidas dos cam-



Candido da Cunha — MOINHOS EM SANTA MARTHA (Vianna do Castello)

Simili-gravura de Marques Abreu



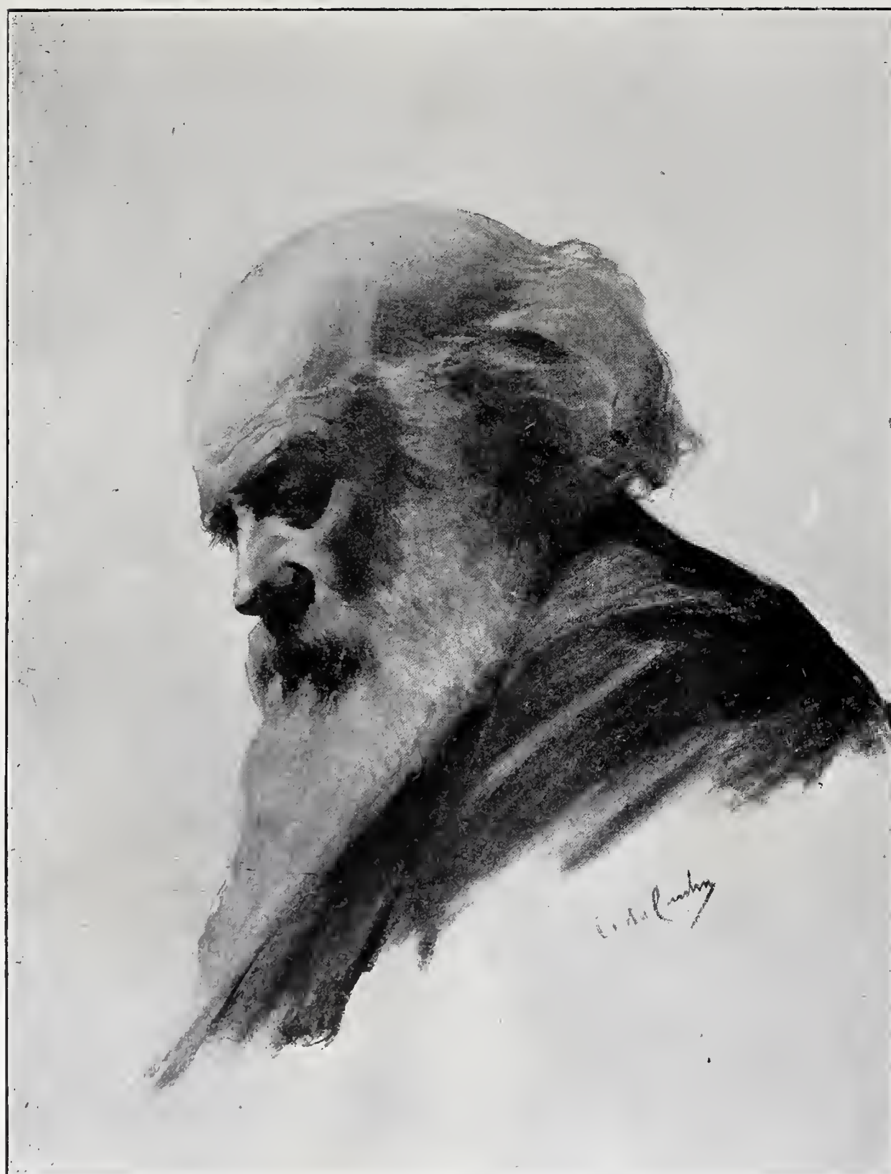
Candido da Cunha—Esboceto para o quadro A JUSTIÇA

Simili-gravura de Marques Abreu



Candido da Cunha — UM RECANTO DO «SENA» E «NOTRE DAME DE PARIS»; effeito nocturno

Simili-gravura de Marques Abreu



Candido da Cunha — CABEÇA DE ESTUDO (Carvão)

paysagem não será a contemplação meramente sensual e a sua expressão pelo lapis ou pelo pincel. Superior a esta, dominando-a e animando-a, ha uma outra paysagem em que se derramou e nos penetra um espirito de mysterio, a percepção e contacto d'uma vontade, toda de harmonia e belleza, de que os objectos visiveis espalhados pelo globo são apenas escravos e instrumentos; paysagem que nos dará, não uma orgia pagã mas um arrebatamento mystico, não uma delicia do corpo ebrio de afagos mas uma elevação religiosa, presa da divindade, de poderes omniscientes e omnipresentes que se presentem e adoram e jámais se conhecem em absoluto. E a anciedade de traduzir esta exaltação e culto é a essencia d'este pintor.

pos, das aguas, dos rochedos, das plantas, das estações do anno e das horas do dia, nem o viço ou a aspereza, a graça ou a pujança, a côr e a sombra e a luz das myriades de seres e das ininterrompidas e eternas transformações que os nossos olhos alcançam e os deslumbram. Essa



Candido da Cunha — AO FIM DA TARDE (Bretanha

D'aqui resultaria, em boa logica, que, absorvido o artista n'uma só paixão, a sua obra deveria repetir-se reflectindo-a. Tal não succede todavia no caso que vimos analysando porque, ao contrario d'essas deducções, tão faceis como inexactas, embora um mesmo poder de continuo nos tenha subjugados, é por sua natureza infinitamente variado no modo de se exprimir. De facto, nunca se repete. O raiar do dia de hoje nunca foi igual ao raiar do dia de hontem, e o crepusculo de ámanhã não será, fatalmente, igual ao crepusculo do dia de hoje. O artista que tem de interpretar essas mutações, se na realidade é, como Candido da Cunha, delicado, sensivel, repassado da adoração e senhor ao mesmo tempo d'uma plena agilidade e saber technicos, capazes de dizerem quanto elle sentir, na realidade não se repete nem carece de repetir-se, talvez, quantas vezes! imaginando na sua ingenuidade repetir-se. O mysterio, pois que é mysterio, sendo indecifravel, em cada instante se mostra diverso, occulto em diversa fórma; e o artista segue-o na sua eterna variabilidade, reproduzindo-lhe as phantasias nas gradações innumeraveis e nos devaneios interminaveis, renovados incessantemente, como a fonte d'onde dimanam.



Candido da Cunha — Retrato de MR. E. H. HUGUENIN
(Estudo a carvão)
Simili-grav. de M. Abreu

É no fervor d'um grande sentimento que se cria e educa um grande artista. Assim se creou Candido da Cunha, grande, sem embargo, não duvidemos, entre os da sua arte, enlevando-nos nos seus proprios sonhos com uma seducção d'apostolo e uma mestria d'eleito. A grandeza na arte não póde consistir n'uma fecundidade desordenada, em versatilidade constante posto que habil, na abundancia sem limites dos recursos de expressão ou na perfeição do conhecimento e na facilidade do uso dos meios de communicar a emoção intima. A grandeza tem de procurar-se no ca-



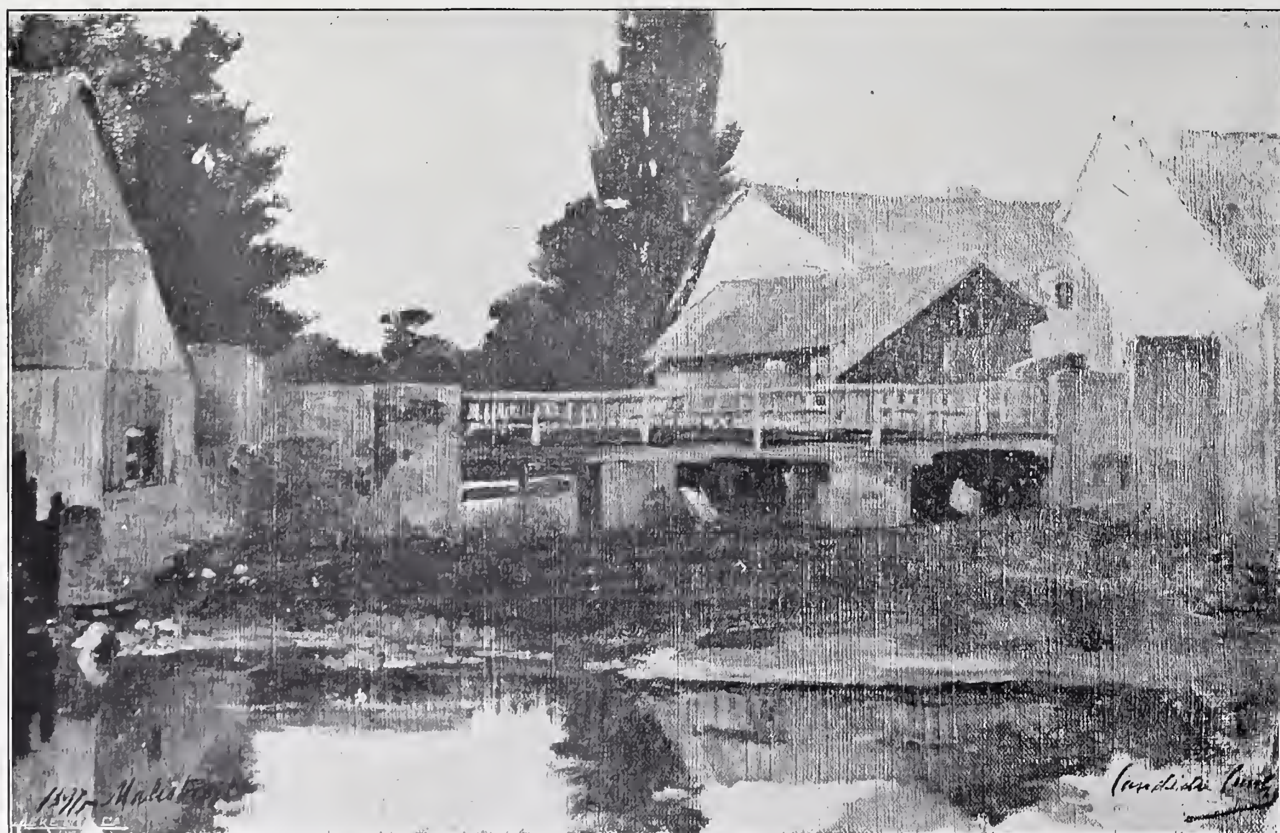
Candido da Cunha — BARCOS DE PESCA EM LEIXÕES (Ao pôr do sol)
Simili-grav. de M. Abreu



Candido da Cunha — AO CAIR DA TARDE; rio Agueda (Estudo a carvão)

racter e elevação da emoção; a isso obrigam leis indeclinaveis da dignidade humana. E Candido da Cunha, poeta religioso, recebeu do destino, por fortuna sua e nossa, essa uncção de grandeza.

JAYME DE MAGALHÃES LIMA.



Candido da Cunha — «LA PASSERELLE» EM MALETROIT (Bretanha)

ARTE

5.º ANNO N.º 57

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO, 310—PORTO

PORTO — SETEMBRO DE 1909

PREÇO 120 REIS



ESTUDO – Quadro de João Augusto Ribeiro

Simili-gravura de Marques Abreu

Comp. e Imp. — Typ. Universal.
Rua das Oliveiras, 75 — Porto



MARGENS DO DOURO — CORTICEIRA — Desenho original de João Monteiro

Simili-gravura de Marques Abreu

O CONVENTO DE CHRISTO EM THOMAR

Nos primeiros tempos da sua constituição como reino independente, necessitava Portugal de cavalleiros christãos para quem os inimigos do Salvador fossem objectos d'um odio tenaz, violento e incansavel até á morte; visto como o pequeno paiz era forçado a sustentar guerras continuadas contra os sarracenos — inimigos com quem não haveria reconciliação possivel; guerras para a reconquista do territorio da patria, para a defeza do lar e para o exterminio dos crentes d'uma doutrina falsa e immunda. Por isso devia acolher jubilosamente no seu seio a ordem dos Templarios, esses ardentes sacerdotes-guerreiros, os heroes das cruzadas para a conquista da Palestina, os cavalleiros que viviam do fanatismo e do odio, que dirigiam toda a sua actividade para os combates e que punham a sua gloria no triumpho.

Com effeito, poucos annos depois da fundação da sua ordem, antes ainda do reinado de D. Affonso Henriques, já encontramos os cavalleiros do Templo em Portugal, havendo-lhes o conde D. Henrique doado em 1111 o Castello de Soure.

D. Thereza, reconhecendo a importancia e a utilidade da ordem do Templo, procura exaltar-lhe o ardor combativo e recompensa-a com a doação de todo o territorio situado entre Coimbra e Leiria, então inculto e ainda em poder dos sarracenos, mas que os sacerdotes-guerreiros em breve arroteiam, fertilisam e povoam de igrejas e castellos. D. Affonso Henriques apoia-se no poder dos Templarios para reivindicar o throno; e, querendo testemunhar-lhes a sua gratidão, filia-se-lhes na ordem. E assim irmanados os cavalleiros e o rei, procuram aquelles manifestar-lhe a sua affeição alargando e defendendo as fronteiras do reino, e o

rei a sua concedendo-lhes largas doações e recompensas.

Em 1159 doou D. Affonso Henriques aos Templarios o Castello de *Cera* (hoje Thomar) com todos os seus termos, para que o povoassem. Era a esse tempo mestre da ordem D. Gualdim Paes, de *Marecos* (designação antiga de *Amares*), junto a Braga. «Sahiu (D. Gualdim) á luz do mundo, segundo dizem, no anno de 1118. Foram seus paes Paio Ramirez, e D. Gontrode, pessoas da primeira nobreza d'aquelle tempo. No anno de 1139 foi armado cavalleiro no Campo d'Ourique por El-rei D. Affonso Henriques, em cuja companhia se criara. Alistado pouco depois na Ordem do Templo, passou á Palestina, onde se achou em grandes feitos d'armas ao lado de seu Gran-Mestre contra os reis da Syria, e o Soldão do Egypto. Passados cinco annos que alli residiu, voltou a Portugal, e é a tradição constante que trouxera comsigo a *mão direita de S. Gregorio Naziazeno*, que em Thomar se guarda incorrupta, assim como o resto do corpo se guarda em Roma com igual incorrupção.» (Viterbo).

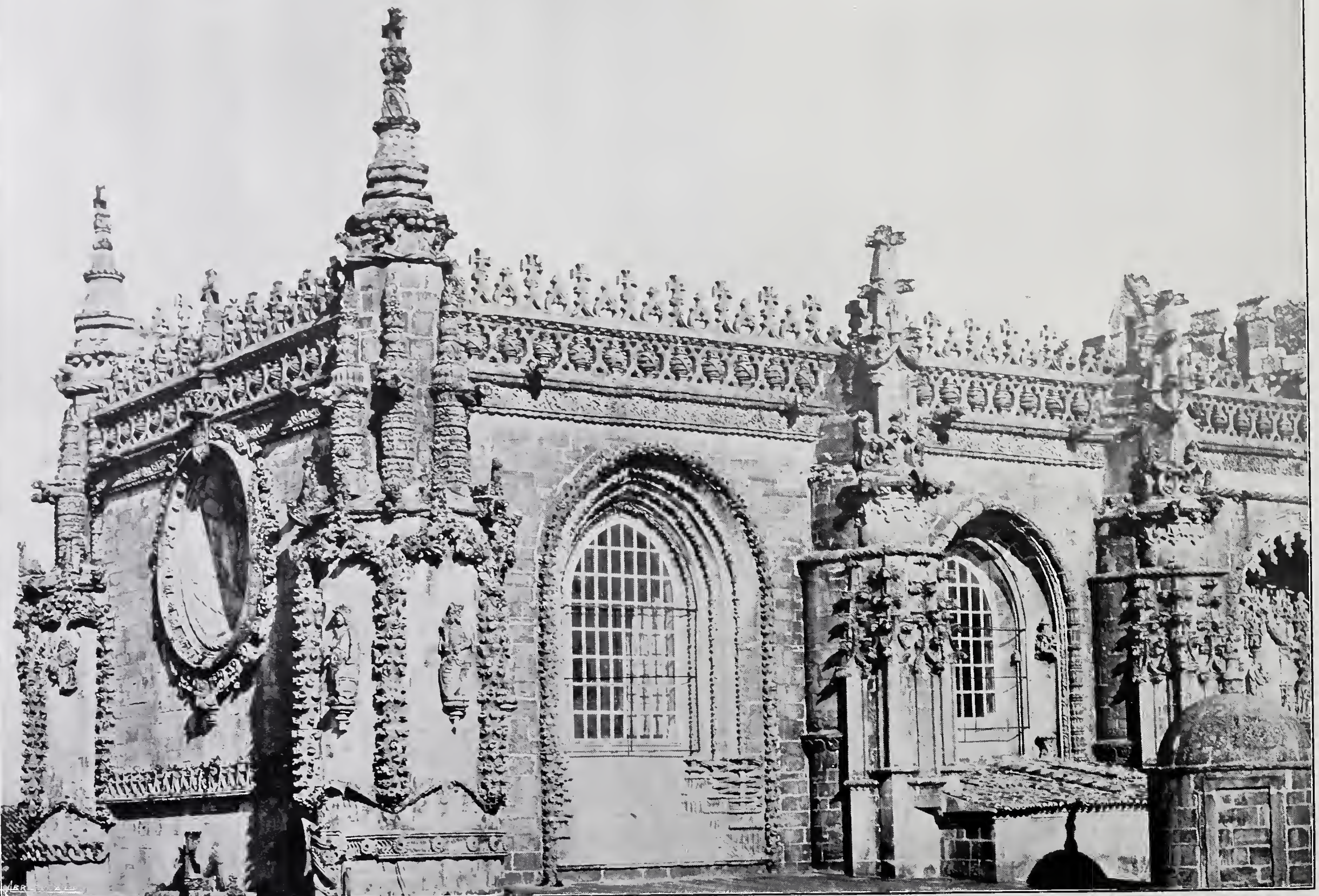
Em *Cera*, pensaram os Templarios em estabelecer a séde da sua ordem; e sobre as ruinas da antiga *Nabancia*, na margem direita do pequeno rio Thomar, edificaram a igreja de Santa Maria do Olival, proximo d'esta um mosteiro e ainda um castello, para defeza da região, para os seus exercicios cavalheirescos. Esse castello, a que Viterbo chama *temeroso*, começou a construir-se em 1160 e levanta-se de «*sobre um alto e escarpado cerro, á parte occidental do convento e sobre o lado direito do rio Thomar, que dando-lhe por então o nome, com que os mouros o tinham baptisado por ser rio de agua doce, e clara, se contentou depois com o de Nabão, alludindo á cidade, que antigamente banhara*». (Viterbo).

No anno de 1312, accusados de superstições, sacrilegios e «*horriveis culpas*, que a malicia excogitou em França (mas que se não verificaram em Hespanha e Portugal)» (Viterbo) foram os Templarios extinctos.

Mas em 1319, por accordo entre a Santa Sé e o rei D. Diniz, a ordem do Templo resuscitava sob a denominação de *Ordem da Milicia de Jesus Christo*, sendo-lhe entregues os bens moveis e immoveis que a antiga ordem possuia em Portugal e no Algarve. O castello e o convento de Thomar passaram, pois, a ser asylo dos *Cavalleiros de Christo*. Foi mais tarde com os recursos enormes da ordem que o Infante D. Henrique, seu *mestre* (ou governador e administrador, como preferia intitular-se) iniciou a grande empreza maritima, que nos tornou commercial e politicamente grandes e que abriu uma nova phase á historia da civilisação.

Das grandiosas construcções de Thomar, pertencentes aos *Templarios* e depois aos *Cavalleiros de Christo*, escreve Ferdinand Denis: «Esta vasta habitação, segundo um escriptor portuguez, compunha-se de tres partes bem distinctas: o Convento propriamente dito, com a sua igreja, os seus claustros, os seus dormitorios e todas as divisões que pertencem a uma casa regular; o Castello, com as suas muralhas e os seus baluartes; e em terceiro logar a Cerca ou parque murado do convento: podendo ainda juntar-se-lhes o famoso aqueducto começado por Philippe II em 1595 e concluido por Philippe III em 1613.»

O Convento de Christo é uma das maiores e sumptuosas construcções de Portugal. Possue nada menos de oito claustros; e, levantado primitivamente por Gualdim Paes, nelle collaborou a piedade de muitos principes e monarchas, taes como o infante D. Henrique, D. Manuel I, D. João III, D. Sebastião e os tres Philippes de Castella, uns que o reedificaram, outros que o ampliaram e revestiram de preciosos ornamentos. O facto de ter sido levantado em diversos periodos e sob a direcção de diversos architectos não lhe permitte que apresente essa unidade que requer toda a obra d'arte absolutamente perfeita. Todavia é d'uma alta importancia como riquissimo museu em que se podem vêr e admirar os mais bellos exemplares de todas as fórmas d'architectura que entre nós floresceram atravez de alguns seculos. «Cada época, assim escreve o snr. A. Gonçalves, ali deixou impressa a expressão da sua força e do seu encanto. O romanico, o gothico, o renascença em feições distinctas, e os episodios energicamente movimentados do manoelino mais exuberante e rico, ali se acham succintamente representados, no ensinamento perenne da sua significação nacional e historica. É como que o deposito colle-



CONVENTO DE CHRISTO — Thomar

Simili-gravura de Marques Abreu



JANELLA DA CASA DO CAPITULO — CONVENTO DE CHRISTO — Thomar

Simili-gravura de Marques Abreu

ctivo da vida artistica da nação, atravez de cinco seculos de aspirações e de luctas, de vicissitudes sociaes, de fortuna e de gloria, de exaltação e desfallecimentos.»

E encerramos aqui estas breves e desconjuntadas notas, deixando que das bellezas architectonicas do velho e sumptuoso monumento falem as nossas estampas.



CLAUSTRO DA HOSPEDARIA — CONVENTO DE CHRISTO — Thomar

Simili-gravura de Marques Abreu



PAISAGEM DOS ARREDORES DO PORTO—Desenho original de João Monteiro

Simili-gravura de Marques Abreu



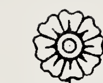
PAISAGEM — Cliché da Ex.ma Senhora D. Maria da Conceição de Lemos Magalhães

Simili-gravura de Marques Abreu

ARTE

5.º ANNO

N.º 58



PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO, 310—PORTO

PORTO — OUTUBRO DE 1909

PREÇO 120 REIS

JOÃO MARQUES DE OLIVEIRA — Director da Academia Portuense de Bellas Artes

Cliché da Photographia Guedes
Simili-gravura de M. Abreu.

Comp. e Imp. — Typ. Universal
Rua das Oliveiras, 75 — Porto.

João Marques de Oliveira

«Se Silva Porto póde ter um successor, elle é por certo Marques de Oliveira.» Recoiho estas palavras de alguns commentadores da obra do grande paysagista. Na realidade formulam uma apreciação exacta emquanto se referem á primeira phase de producção artistica, desde as viagens em França e na Italia, que reuniram Silva Porto e Marques de Oliveira.

Na analyse da sua obra, no estudo da immensa série de *táboas* accumuladas no seu atelier, e dispersas pelos gabinetes dos amadores, é facil seguir os tres periodos em que se affirmam as diversas maneiras intimamente ligadas á modalidade espiritual do artista. No cyclo das viagens, e sob o dominio da lição colhida na escola de 1830, a technica e a emoção perante os motivos da natureza são manifestamente influenciadas por uma visão conforme á esthetica do creador da escola moderna de paysagem em Portugal. Eis um *trecho de praia na Povoa do Varzim*, em que verifico com a data de 1884 uma flagrante identidade de sensação, reflectindo a acção commum dos paysagistas francezes, e porventura especialmente de Daubigny.

Mas a individualidade do artista já então começa a reivindicar a sua independencia no estudo da figura humana, em que mais tarde apparecerão notas muito interessantes, d'um perfeito realismo.

Basta recordar uma *varina esperando os barcos,* que encerra toda uma theoria de naturalismo, excluindo quaesquer preoccupações de escola.

Uma modificação muito sensivel, embora bastante transitoria, marca a segunda phase de Marques de Oliveira. Foi a resultante da obra decorativa, que teve por algum tempo uma forte influencia na visão do paysagista.

Os quadros d'essa epoca conservam o sentimento intimo e a synthese caracteristica do assumpto; mas tem uma côr fria, estão reduzidos a tons monotonos, e n'elles se sente que o temperamento real do artista está contrafeito.

E comtudo quantas telas d'esse tempo prepa-



Marques de Oliveira – ERMIDA DE CETTE

Simili-gravura de Marques Abreu

ram já a evolução final, d'onde resultará a floração das bellas obras, em que o mestre, liberto de todas as influencias alheias ás suas intensas impressões, vae affirmando o seu grande amor pela natureza n'aquellas horas mais sentidas, quando os encantos da luz traduzem subtis intimidades da paysagem.

E então os vastos horisontes maritimos, os pittorescos aspectos do littoral, a casaria minhota, o curso sereno dos rios ensombrados, a fresca verdura dos prados, os caminhos d'aldeia, a nobresa da montanha e o mysterio das florestas, tudo elle traslada para a tela com vida intensa, e dominado pela emoção, que dá ao paysagista a faculdade de interpretar, *atravez do seu temperamento,* os maravilhosos aspectos da creação.

N'esta phase definitiva a sua obra evoca as palavras de Emilio Zola:

«La vie seule parle de la vie, il ne se degage de la beauté et de la verité que de la nature vivante.»

Nas viagens em Portugal o artista fixou notas caracteristicas de logares, de figuras e de costumes. Mais o prendem porém irresistiveis inclinações para o norte, com os seus privativos effeitos luminosos, para os trechos desse adoravel Minho, em que elle vae encontrar, á semelhança de Silva Porto, Sousa Pinto, Arthur Loureiro, Candido da Cunha, Julio Ramos, recantos poeticos, traduzindo-os com o duplo encanto de uma technica perfeita e



Marques de Oliveira — REGATO (Agueda)

Simili-gravura de Marques Abreu



Marques de Oliveira — CEPHALO E PROCRIS

Simili-gravura de Marques Abreu

Marques de Oliveira — ESPERANDO OS BARCOS — Povoa de Varzim

Simili-gravura de Marques Abreu



Marques de Oliveira — ENTRE O ALMOÇO E O JANTAR

Simili-gravura de Marques Abreu

de uma esthetica superior, que já lhe asseguraram logar primacial na historia da arte portugueza.

Em Marques de Oliveira a personalidade moral justifica o aphorismo, que affirma a acção poderosa do caracter na obra do artista, porque sendo elle um artista de grande valor é simultaneamente um caracter que todos veneram.

A Arte dignifica-lhe a vida, e por seu turno elle dignifica a vida artistica.

GUIDO.

O PROFESSOR MARQUES DE OLIVEIRA

NUM estabelecimento de ensino póde dizer-se que não é a parte material aquella que mais contribue para o aproveitamento dos alumnos.

Modelos, apparelhos, imagens, tudo emfim que concretisa, esclarece e demonstra uma lição, tudo isso valor nenhum terá se o professor não dér vida a esses modelos, se elle não puzer em movimento esses apparelhos, se elle não fizer fallar essas imagens.

Geniaes são, portanto, os professores que, com um bem pobre e modesto material d'ensino, dão nas suas lições um tal vigor á ideia e uma tal graça á fórma, que tudo avulta, se anima e se illumina, sob a acção da sua palavra quente e do seu gesto expressivo, deleitando, convencendo, persuadindo.

É d'esta raça o actual director e professor



Marques de Oliveira – ESTUDO DE COMPOSIÇÃO

Simili-gravura de Marques Abreu

de pintura historica da Academia Portuense de Bellas-Artes.

Discipulo de desenhadores insignes como o nosso João Correia e Cabanel, da Academia franceza, que fundavam no ensino do desenho o da pintura, Marques de Oliveira veio a ser como elles um grande mestre.

Dotado de excellentes qualidades pedagogicas, impõe-se Marques de Oliveira não só pela critica justa aos trabalhos dos seus discipulos, exprimindo-se por uma fórma clara, elegante e persuasiva, mas tambem pela sua linha fidalga e nobre, que prestigia o homem assim como a escola de que elle é um dos mais bellos ornamentos.

L. L.





Marques de Oliveira -- RAPARIGA DA POVOA DE VARZIM (Estudo)

Simili-gravura de Marques Abreu



Marques de Oliveira — MARGENS DO RIO VIZELLA

Simili-gravura de Marques Abreu

A REPRODUCÇÃO PELA GRAVURA PHOTO-MECHANICA DE ASSUMPTOS COLORIDOS.

Uma das grandes preoccupações dos artistas-photographos assenta na reproducção *valorisada* das côres e suas respectivas degradações. De ha muito, nos laboratorios de fabrico de especialidades photographicas se trabalha no aperfeiçoamento das chapas isochromaticas, com as quaes o artista possa traduzir rigorosamente aspectos de natureza de effeitos variadissimos, em que as côres do prisma se conjugam numa harmonia artistica, pelo uso exclusivo do tom monochromo.

Mas o que se entende por *valorisação?*

Por *valorisação* se especifica o maior ou menor grau de intensidade luminosa, abstrahindo toda a ideia de côr. Indica essa palavra o que *valem* uma côr, uma nuance, um tom referidos a uma escala graduada entre o branco e o negro, limites extremos da luz. Evoca a ideia de contraste, proveniente da luz e da sombra, do branco e do negro e de todos os seus compostos.



Marques de Oliveira — MULHER DE PESCADOR (Estudo para quadro)

Simili-gravura de Marques Abreu

Para o grande Corot, esse artista tão invocado, quando se discute o sacrificio da côr pelo predominio da *valorisação*, eram os *valores* o maior elemento da arte pictural, pela comprehensão do ar na successão dos planos, realisando-se por elles os maiores effeitos de perspectiva aerea e de modelado.

O director desta revista, Marques Abreu, no intuito de corresponder a este *desideratum*, introduziu nos seus *ateliers* melhoramentos que lhe facultam fornecer trabalhos de verdadeiro merito. É, sem duvida, a sua casa a primeira que, no paiz, inaugura este systema de reproducções que podem bem competir com similares de procedencia extrangeira.

A *Arte* inicía hoje a serie de gravuras valorisadas, mesmo de originaes chromaticos em extremo, em que a magia das côres locaes é suggerida espontaneamente pelo tom duma unica tinta de impressão.

J. A. R.

ARTE

5.º ANNO

N.º 59



PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO, 310—PORTO

PORTO — NOVEMBRO DE 1909

PREÇO 120 REIS

DR. JOAQUIM COSTA

Cliché da Photographia Guedes
Simili-gravura de M. Abreu.

Comp. e Imp. — Typ. Universal
Rua das Oliveiras, 75 — Porto.

DR. JOAQUIM COSTA

Quem folhear a collecção d'esta revista, verificará que ella, desde o seu inicio, vem cumprindo fielmente o seguinte programma: por um lado, archivar pela estampa e explicar em rapidos artigos, o que de original e caracteristico possuimos nos diversos ramos das artes plasticas, legado pelas gerações extinctas ou produzido pelos artistas d'hoje, e por outro lado, prestar homenagem aos raros homens que entre nós devotadamente trabalham pela propaganda da obra d'arte e pela educação do gosto.

Entre esses, nenhum com mais direito a essa homenagem do que o Dr. Joaquim Costa que, no nosso meio utilitario e inculto, se tem revelado um apaixonado sincero das bellas artes e um devotado amigo dos artistas. No jornalismo diario, nas revistas d'arte e litteratura, não se cança o Dr. Joaquim Costa de acompanhar, em lucidos artigos, o movimento artistico da nossa terra; artigos que, dada a sagacidade critica do escriptor, a sua larga cultura e a sua larga convivencia com os homens da especialidade, valem duplamente pelo seu brilho litterario, e pelo muito que nos ensinam sobre correntes artisticas em voga, maneira de ser de cada artista e valor concepcional e de effectivação de cada obra em que especialmente incida a sua analyse. Collaborador assiduo da *Arte,* os seus artigos figuram certamente ao lado d'aquelles que mais brilham nas paginas d'esta revista, honrada tantas vezes com a collaboração dos criticos mais illustres do nosso paiz.

Não se confina no campo restricto da critica d'arte a actividade litteraria do Dr. Joaquim Costa; assim é elle tambem um jornalista politico logico e vigoroso e um orador de palavra facil, quente, harmoniosa e colorida. Como publicista acaba de o consagrar um bello livro — *Alma Portugueza*, desenvolvida memoria sobre o estado actual da nossa litteratura, que nos recentes *Jogos Floraes* hispano-portuguezes, celebrados em Salamanca e que constituiram um dos mais luzidos certamens litterarios realisados em Hespanha, obteve o premio unico destinado á secção a que concorreu. Num admiravel prefacio, pleno de vistas originaes e justas, o eminente publicista José Pereira de Sampaio (Bruno) define em meia duzia de traços incisivos e firmes a personalidade critica do Dr. Joaquim Costa.

A *Arte,* aproveitando o ensejo que lhe fornece a publicação em livro da *Alma Portugueza,* illustra a sua primeira pagina com o retrato do brilhante escriptor, como singela homenagem ao seu talento e como pequeno signal de reconhecimento pelo muito que lhe deve.



ARTHUR LOUREIRO

No *atelier*-escola do notavel artista portuguez, nosso illustre conterraneo, foram ha dias expostas as obras dos seus discipulos entre os quaes cumpre mencionar o snr. Manoel Lucio, já bastante conhecido por outros trabalhos de real valor patenteados em outros certamens, e as snr.as D. Olivia Barros e D. Adelina Barros que pelo seu evidente progresso provam a superioridade pedagogica de Arthur Loureiro, incontestavelmente um dos nossos mais insignes professores.

Com a maior satisfação cumprimentamos o eminente mestre, gloria da Arte nacional, pelo brilhante successo dos seus esforços.





Marques de Oliveira — CAMINHO — Agueda

Simili-gravura de Marques Abreu



Marques de Oliveira — FIM DE TARDE — Impressão — Agueda

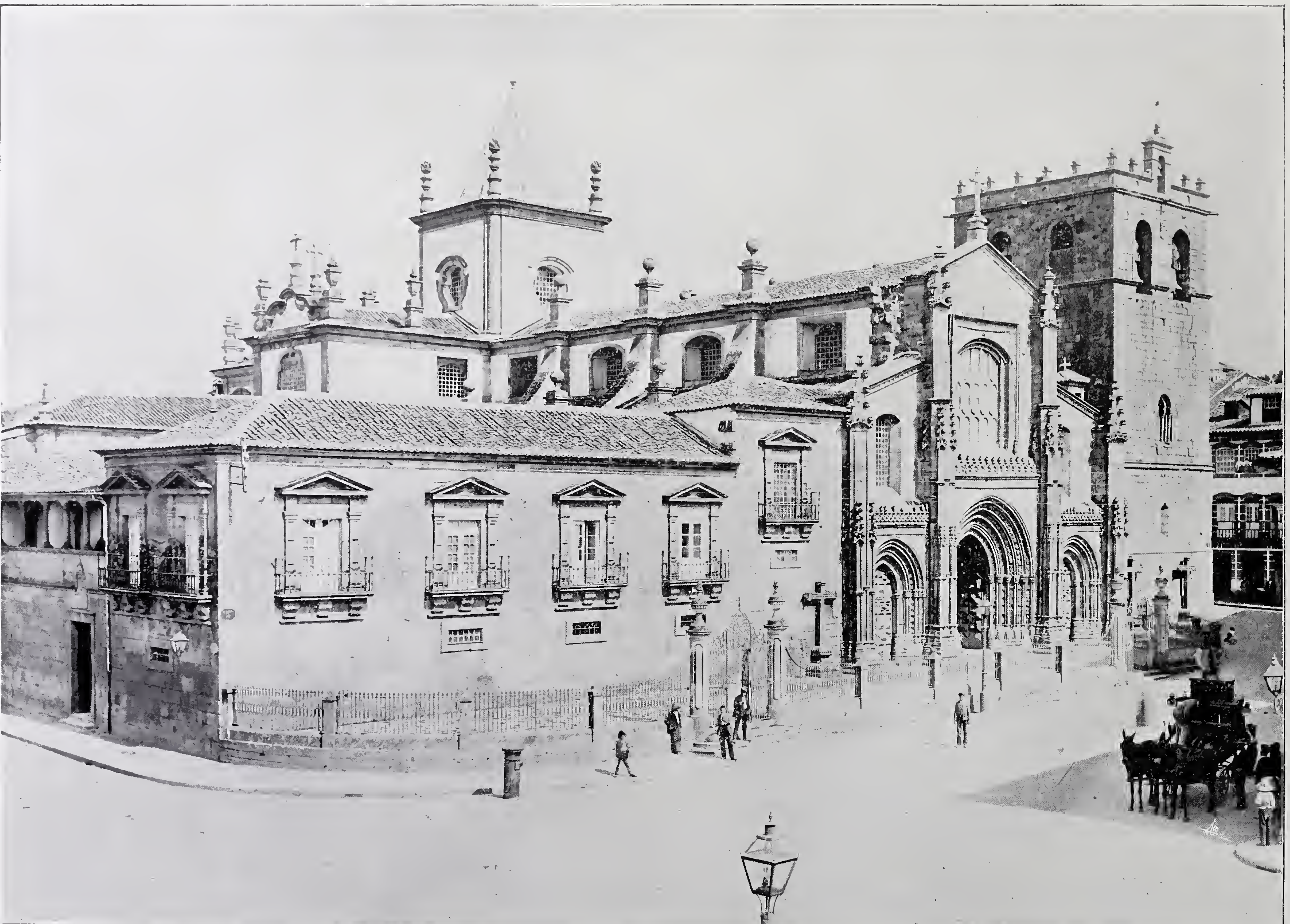
Simili-gravura de Marques Abreu

A SÉ DE LAMEGO

PERDE-SE na noite dos tempos a origem da diocese de Lamego. A acreditar-se o testemunho dos escriptores eclesiasticos, o seu primeiro bispo foi Sardinário, que, como tal subscreveu o segundo concilio de Braga presidido por Martinho Dumiense, isto em 572. Dominavam ao tempo esta parte da Peninsula, que veio a chamar-se Portugal, os suevos, que a partir de certa epocha, bem como os visigodos que depois os expulsaram, sucedendo-lhe na ocupação, aceitaram a religião catholica. Segundo a tradição, os actos d'este culto celebravam-se por esses tempos, em Lamego, na capella mais tarde conhecida pelo nome de Senhora da Paz ou do Salvador do Mundo, proximo do castello. Era essa a *basilica* ou *baptisterio,* isto é, a cathedral d'então. Veio a seguir, passados annos, a conquista arabe, e Lamego, como muitas outras cidades da Lusitania, foi victima d'ella e com sua destruição desappareceu aquelle primitivo templo. Recuperada que foi do poder dos mouros por Fernando Magno, entre 1057 a 1064, continuou-se a serie dos s-us prelados, a quem Sancho de Castella deu para cathedral uma egreja que logo fez edificar, e que ha quem sustente que seja a de Santa Maria Maior (Almacave). Governando o conde D. Henrique, deu-se começo a templo mais vasto, e, ao que parece, sito no proprio local da actual sé, e de que esta é continuadora, e que, concluido, foi sagrado pelo bispo de Toledo, D. Bernardo.

D'elle nada chegou até nós, não obstante as afirmativas em contrario, pois a propria torre, que hoje existe, apesar de muito antiga é, como tudo o mais, de epocha posterior. Fórma a torre um verdadeiro contraste com o resto da frontaria da sé. Haja vista o liso das suas paredes e a fórma das janellas, uma já em ogiva mas com a fórma imperfeita e outra de volta redonda, ornamentada, romanica, em que o arco se volta para dentro nas pontas, como a volta de ferradura. Póde dizer-se do seculo XII, afóra o coroamento e tudo o mais que vae das ventanas para cima, pois isso é obra do seculo XVI, como está authenticado por documentos escriptos.

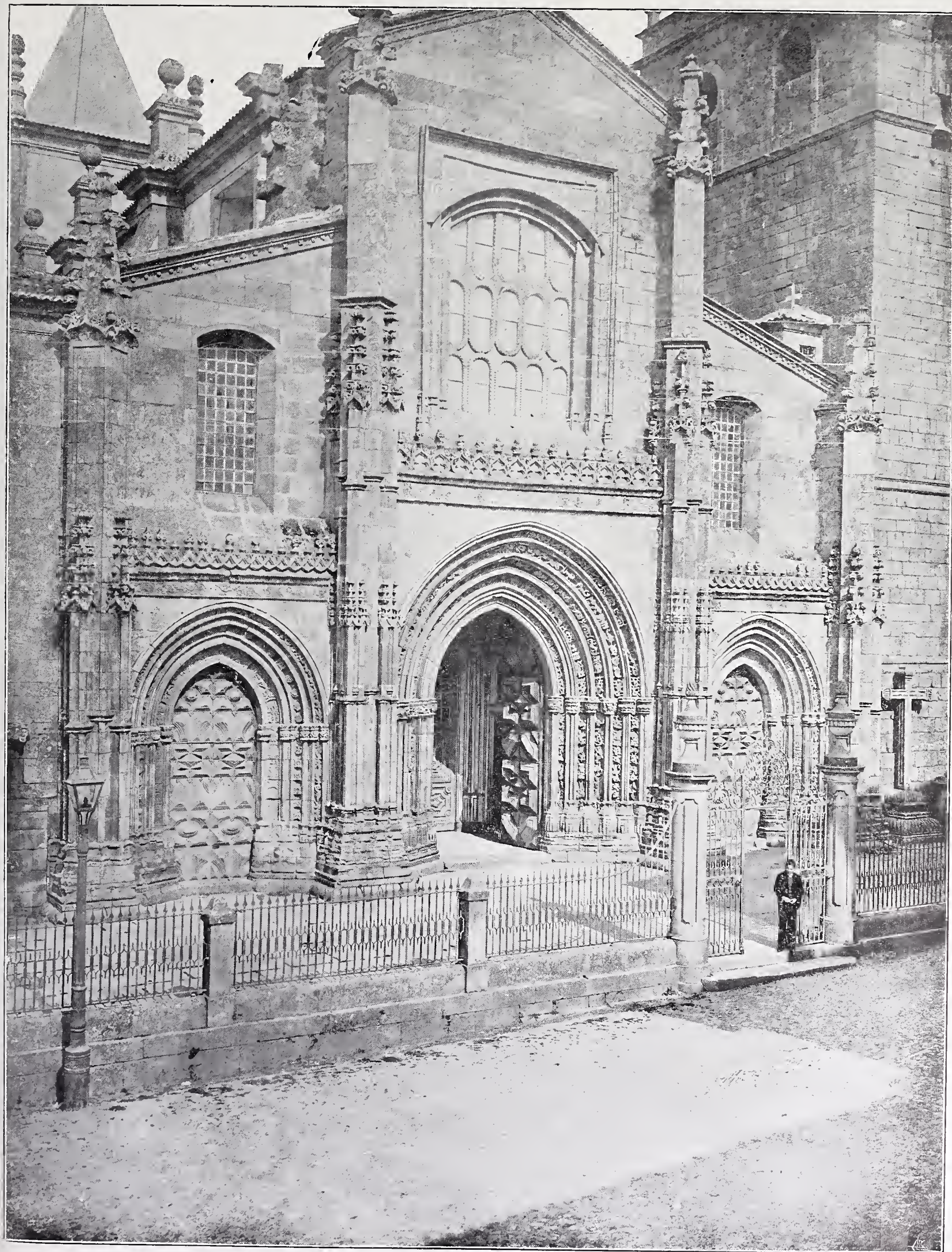
A fachada principal da sé, propriamente dita, composta de tres corpos, correspondentes a cada uma das naves em que se divide o interior do templo, essa deve ser dos fins do seculo XIV ou principios do seculo XV. Na porta do centro está bem patente o estylo da Batalha, e ainda que as lateraes possam parecer da epocha de D. Manoel, não se lhe deve atribuir menos idade, podendo apenas afirmar-se que a obra não foi executada de um só jacto, nem sob a direcção do



Cliché da Photographia Alvão

SÉ DE LAMEGO — VISTA GERAL

Simili-gravura de Marques Abreu



Cliché da Photographia Alvão

SÉ DE LAMEGO — FACHADA

Simili-gravura de Marques Abreu

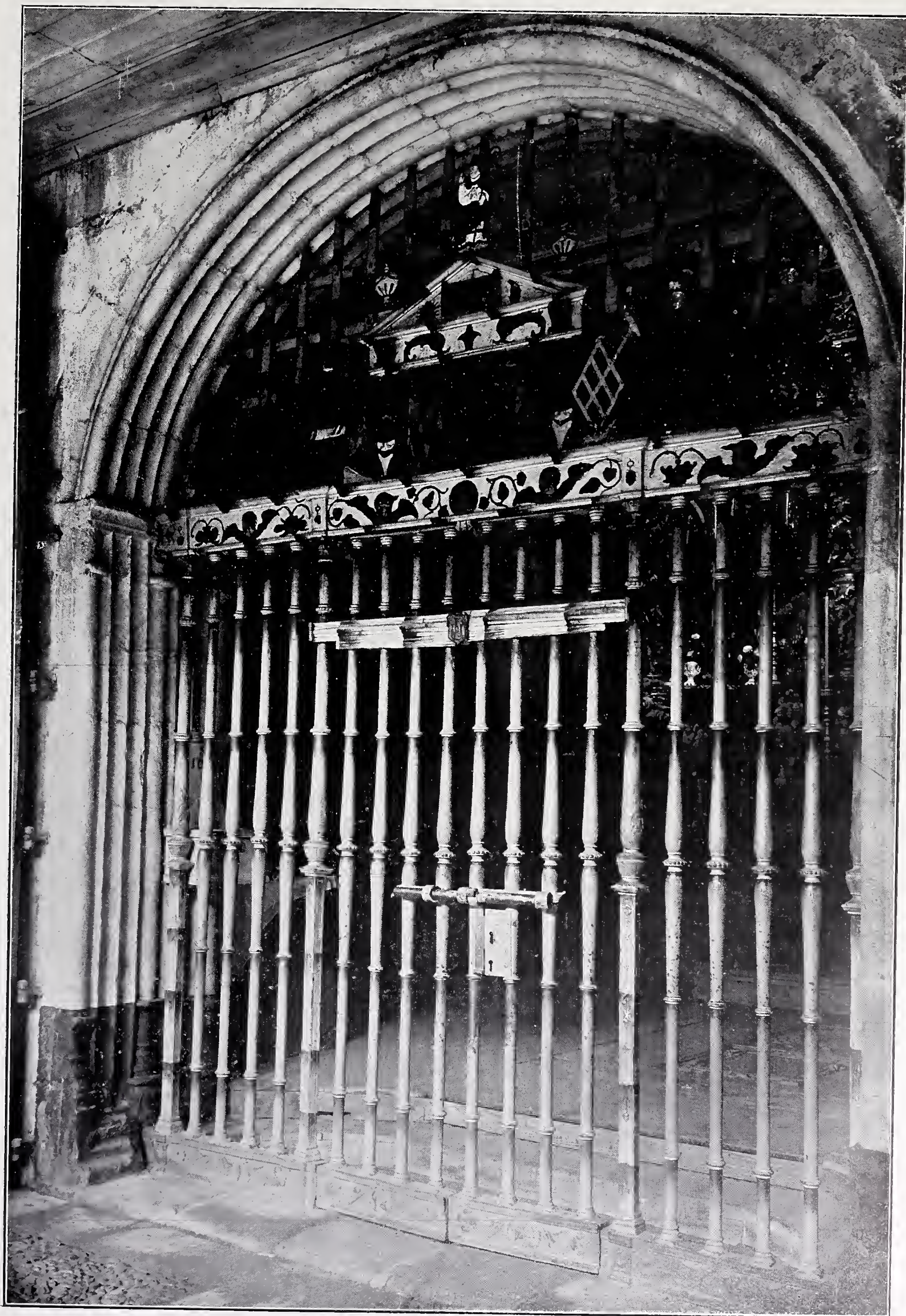
mesmo artista. O trabalho de canteiro é magnifico, e a descripção do seu bello conjuncto está admiravelmente feita nas simili-gravuras que o reproduzem.

O interior do templo não é de todo despido de interesse, pois n'elle ha ainda que admirar, como são os frescos dos tectos e a talha dos altares, não obstante não corresponder á grandesa da fachada. É reconstrucção do seculo XVIII. Primeiro fez-se a renovação da parte que fica do arco cruzeiro para baixo, 1734, depois a da capella-mór, capella do Santissimo e a do cruzeiro e da sacristia, em 1759. O primeiro risco foi de Nicolau Nasoni, o architecto da Egreja dos Clerigos no Porto, italiano de nação, a quem são devidos muitos trabalhos de valor; o segundo é d'um Antonio Pereira, de quem não se encontra a minima referencia como architecto em Raczynki *(Dictionnaire historique et artistique du Portugal)* bem como no *Diccionario dos architectos,* do sr. Sousa Viterbo, mas que não é outro senão o mestre pedreiro Antonio Pereira, que o sr. Padre



SÉ DE LAMEGO — CLAUSTRO

Cliché e simili-gravura de Marques Abreu



SÉ DE LAMEGO — GRADE RENASCENÇA

Cliché e simili-gravura de Marques Abreu



RETRATO — Quadro de Raul Maria

Simili-gravura de Marques Abreu

pelos bellos azulejos que interiormente as revestem e sobretudo pelas grades que as resguardam, e que, como uma parte d'aquelle, são hoje reproduzidas na *Arte*.

São infelizmente raras em Portugal as reixas ou grades de valor artistico, antigas, e essas mesmas estão disseminadas e algumas inteiramente esquecidas, como julgo poder asseverar com relação ás das capellas do claustro de Lamego. São estas, dois bem conservados exemplares, a juntar ás que se encontram nas cathedraes de Braga, Evora e Lisboa, embora de inferior valia, ainda que de bom labor tambem. Das da sé de Lisboa, capella da charola, seculo XVI, dizia ha mezes o sr. Sousa Viterbo *(Instituto,* vol. LV, n.os 1 e 2), tratando das «Artes e industrias metallicas em Portugal», que só relativamente ha pouco foi revelada a sua existencia, isto é, em 1895, pelo sr. Gabriel Pereira. Não é bem assim; num livro meu e do sr. Joaquim de Vasconcellos *(Exposição districtal de Aveiro em 1882),* publicado em 1883, já lá se faz menção d'ellas.

É desconhecido o nome do artista que executou as de Lamego, mas sabe-se que são devidas á magnificencia do bispo D. Manoel de Noronha, que governou esta diocese de 1550 a 1569, magnificencia manifestada em muitas outras obras da sua sé, e que no espirito d'este prelado incutiu sem duvida o faustuoso Leão X, o grande papa protector das artes e das letras, de quem foi amigo e camareiro.

Patricio, na sua interessante monographia da egreja dos Clerigos, diz ter ali trabalhado em 1732, decerto sob a direcção do mencionado Nasoni.

O claustro, estylo renascença, primodios, no seu todo pouco vale, mas o mesmo já se não póde dizer das capellas que n'elle ha, notaveis

MARQUES GOMES.

ARTE

5.º ANNO — N.º 60



PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO, 310—PORTO

PORTO — DEZEMBRO DE 1909

PREÇO 120 REIS

Aveiro — ESTATUA DE JOSÉ ESTEVAM — Esculptura de Simões d'Almeida

Simili-gravura de Marques Abreu

Comp. e Imp. — Typ. Universal
Rua das Oliveiras, 75 — Porto.

O NATAL

Dia de Natal! Dia de Natal!

Quem poderá balbuciar estas palavras, sem que o seu coração se renda a um poderoso influxo e a sua alma se eleve, misteriosamente, ás regiões sublimes do sentimento e do extase?... Ninguem desconhece a magía d'elas, e todos sabem a grandeza dos pensamentos que encerram. A mão que as escreve sente-se presa d'uma forte comoção; e os labios que as destilam parece que deixam passar as irradiações d'um clarão mavioso.

Dia de Natal! eis o *dies irae* d'um mundo que morreu — o paganismo, a tirania, a sombra; e a sinthese gloriosa do futuro — o christianismo, a civilisação, a luz da liberdade e o progresso moral e fisico dos povos. A redenção do mundo, a fraternidade universal e a alvorada do espirito arraiado pelo sol da caridade, nasceu ali; e, por isso, d'ali deriva, para a humanidade, uma enorme caudal de beneficios, que, vinte seculos que passaram, não fazem obliterar ainda.

De quantos dias memorandos regista a historia dos povos e o coração do homem — esse livro apocalitico das raças — nenhum é tão dôce e inefavel como o dia de Natal, o dia comemorado todos os ânos, no meio das familias, sempre com o mesmo jubilo, sempre com os mesmos afectos e sempre com a sublimidade e elevação das mesmas tradições.

E, como êle nos recorda, tambem e tão enternecidamente, o dôce convivio do lar e da familia, as delicias do berço, e o abraço estreito, íntimo, d'alma, o desejado abraço dos amigos! Ah! Só quem se vê, n'este dia, ausente da casa e do berço e do lar e dos retiros da infancia, embalado em sonhos deliciosos, é que póde sentir a agonia funda d'essa separação, e computar, na saudade, as recordações maviosas d'esse dia, que a Egreja celebra nos roseos canticos do *gloria* que resume o canto magnifico dos anjos. Quem, então, não repete os versos do tragico Bayron, que são o resumo de uma grande dôr, de uma enorme saudade:

«Não fazem estes céus, aguas e serras,
Uma parte de mim, e eu parte d'ellas?»

Todos sabemos que o dia de Natal é uma barreira esplendida entre dois mundos — o mundo gentilico e o mundo christão.

Assim considerado este dia, o dia do nascimento do Redentor, é grande e venturoso.

A historia deve-lhe as suas paginas mais brilhantes, e o progresso os seus mais ovantes triunfos. É a negação da tirania e a afirmação da liberdade e do amor. Relembra o mundo pagão, como um imenso sudario, desfeito á luz da Redenção, e o espirito jubiloso, readquirido o vigor perdido, a voar, a voar, para as conquistas do futuro.

Antes do nascimento de Jesus, a sociedade era um corpo informe e a alma das gerações estava corroïda por um cancro moral. A tirania era a clave maldita que, das mãos dos reis, avergava o povo. O escravo — ente sem Deus, a quem a prepotencia do senhor roubou os direitos de homem, e a crueldade dos nobres os fóros de cidadão — era uma sombra, uma coisa despresivel. Partidos os laços mais íntimos da sociedade, esta sentia-se abalada. Tudo era uma negação: a ordem, a familia, a amizade, a virtude, o sacrificio, o civismo, eram utopias.

E, n'este cáus, a filosofia sentia-se impotente para a reabilitação dos espiritos; mas a consciencia e a razão, nos sonhos do porvir, nos anhelos das suas esperanças, pedia uma luz universal, para a noite de suas trávas. As sibilas exoram ao céu que apareça o Salvador e germine o Justo; e Virgilio agoura uma nova época, a boa nova da regeneração dos povos, e saúda a alvorada formosa do espirito:

«Magnus ab integro saeculorum nascitur ordo.
Tu modo nascenti puero. . . . .»

Apareceu, finalmente, Jesus. A sociedade transformou-se, e uma luz bendita doirou os espiritos. Porque a sua voz, reboando por sobre todos os corações, era o alento do fraco e o arrimo do poderoso; e o sol do seu amor, partindo os grilhões do escravo, perolisava, nas faces da mulher, as lagrimas do seu infortunio. Ele viera espalhar no meio da sociedade as flores da caridade; e a sociedade, por virtude d'esse influxo divino, regenerou-se. E os povos puderam, então, fitar a aurora da sua libertação.

Isto que nos lembra o Natal, não nos apaga do espirito as dôces recordações, as gratissimas lembranças das scenas intimas do lar. Ha ahi poesia e amor e verdade e encanto, n'esse dia em que o mundo exulta.

A queda do paganismo pelas conquistas do christianismo, que tem o seu principio no nascimento de Jesus, é um facto grandioso, sublime; mas não é nos grandes factos que se encontram os maiores encantos.

No Natal ha uma scena que toca todos os espiritos, ainda os mais rudes: é o nascimento do Redentor do mundo, pobre e humilde; a Virgem a reclina-lo nas palhas d'um presepio;

um velho a prodigalisar-lhe os seus confortos, e alguns animaes espalhando, pela pobre instancia, n'uma noite fria de dezembro, o seu tepido álito.

A tradição recebeu e espalhou os doces encantos d'esse quadro, singelo mas eloquente, por todos os corações; e a consciencia universal não póde esquece-los. É por isso que para essa comemoração santa, que se chama o *Natal*, correm de todos os pontos do globo para os confortos dos lares, pobres e ricos, onde os afaga uma como aurora do céu.

S. João de Tarouca, 1909.

ABBADE VASCO D'ALMEIDA MOREIRA.



SAGRADA FAMILIA — Quadro de Baroccio

Simili-gravura de Marques Abreu



ADORAÇÃO DOS ANJOS

Simili-gravura de Marques Abreu



A FUGA PARA O EGYPTO — Quadro de Murillo

Simili-gravura de Marques Abreu

EVOLUÇÃO DAS BELLAS-ARTES

As tres grandes fórmas da arte são: a architectura, a esculptura e a pintura.

A ellas se podem juntar tambem a poesia e a musica.

As bellas artes desenvolveram-se naturalmente partindo das mais concretas para as mais abstractas, sendo a architectura a *alma-mater* d'onde brotaram as outras, que a principio lhe andaram ligadas como seus appositos decorativos.

Não tardaram, porém, a tornar-se independentes, pois que as estatuas não ficaram sempre appostas nos edificios, d'onde se soltaram para se erguerem nas praças e nos jardins; e a pintura, que era feita para os edificios—*pintura mural*, veio a necessitar d'outros edificios para nelles se abrigar e expôr, e da *pintura de quadros* nasceram os *museus*.

Mas se as artes derivaram umas das outras, em qualquer dellas houve uma evolução successiva na maneira de se manifestarem. O ideal artistico patenteou-se sob tres fórmas essenciaes: symbolica, classica e romantica, correspondentes a tres grandes épocas de historia: O Oriente, a Grecia e os tempos modernos.

No Oriente, o pensamento ainda vago e indeterminado, procura a sua verdadeira expressão e não póde encontra-la.

O symbolo é uma imagem que representa uma ideia.

Com o seu caracter enigmatico e mysterioso, o symbolo applica-se particularmente a uma época inteira da historia, á arte oriental e ás suas creações extraordinarias.

Os Egypcios são no Oriente o povo verdadeiramente artista; a sua arte, a architectura, symbolisa perfeitamente a sua religião sombria e severa.

As ideias de morte e de vida eterna, que nessa religião predominam, traduzem-se nas suas obras pesadas, massiças, solidas, solemnes, mas mysteriosas como a morte.

Assim o indicam as gigantescas *Pyramides de Gizeh*, a impenetravel *Esphinge*, e a imponencia sepulchral, a solemnidade funebre do *templo de Luqsor*.

A belleza ideal, a harmonia perfeita da ideia e da forma, encontra-se pela primeira vez realisada no povo grego e na arte classica.

Agora observa-se nas proporções do edificio uma geometria rigorosa, que se concilia com o sentimento esthetico e se presta a uma serie de combinações de que são os principaes typos as ordens *dorica, jonica* e *corinthia*, nascendo logicamente cada uma d'ellas das proporções differentes attribuidas á columna.

Contrastando com os monumentos egypcios, solidos, massiços, acaçapados, os da arte grega, em vez de nos evocarem a ideia de morte, fazem-nos antes sentir que vivemos. Se aquelles nos gelam de terror, os segundos nos fascinam, encantam e extasiam.

Tal é a impressão que nos dá o *templo de Neptuno*, que os Athenienses tinham consagrado á *Victoria*. Os Egypcios foram os grandes artistas da morte, os Gregos foram os grandes artistas da vida.

E é por isso que na Grecia a estatuaria, desenvolvendo-se independentemente da architectura, attinge maior perfeição, de que são testemunho a *Venus* de *Milo*, os *Luttadores*, assim como os bustos de *Homero* e de *Socrates*, dois retratos em marmore.

Phidias é considerado como o primeiro dos estatuarios gregos.

A arte romana é filha da grega. Foi na Grecia que os romanos aprenderam a comprehender a arte e, se a principio a copiaram, é justo dizer que nem sempre ficaram simples imitadores, pois deram ás suas obras um caracter proprio e particular.

A architectura romana patenteia claramente a historia dum povo vigoroso, conquistador, triumphante.

Graças ao *arco*, esta architectura realiza o typo da solidez tão completo como o realizara o Egypto com os seus blocos enormes.

A invenção da *abobada* tem a vantagem de acomodar-se com toda a especie de materiaes, o que já se não dava com a platibanda sustentada por columnas, que necessitava de blocos de pedra muito compridos e resistentes.

O *Coliseu de Roma*, a *columna Trajano*, o *arco de Tito* exprimem a força, o orgulho e a riqueza desse povo admiravel, que, oriundo duma humilde aldeia das margens do Tibre, veio a ser o senhor terrivel de todo o mundo então conhecido.

A estatuaria romana não foi inferior á grega.

O esculptor romano comprehendeu melhor a vida real do que o grego.

Vejam-se a estatua de *Augusto*, o *Gladiador moribundo* e o busto de *Annibal*, que parecem ter o pensamento escripto na physionomia, cujas feições são duma exactidão tão flagrante que julgamos reconhece-los um na sua orgulhosa grandeza, outro na sua dôr tragica e outro na sua energia indomavel de grande vencido.

A arte byzantina assemelha-se á arte grega ou romana e della differe.

Assemelha-se-lhe porque os artistas byzantinos eram os filhos dos artistas romanos que, ao deixarem a *Cidade Eterna*, levaram comsigo para as margens do Bosphoro as tradições, os principios romanos.

Differe della porque esses artistas eram christãos e viviam ás portas do Oriente.

As ideias christãs e a influencia da arte oriental marcaram a arte byzantina com uma profunda impressão.

Observando uma egreja byzantina, ha nella columnatas gregas ou romanas; mas ha tambem ahi abobadas obscuras, favoraveis ao recolhimento e uma disposição interior em fórma de cruz, que lhe dá por isso feição christã.

Sobre essas abobadas, porém, pesa uma vasta cupula redonda, caracteristico este estructural que lhe vem do Oriente.

Além disto as paredes apparecem cobertas de pinturas muraes e mosaicos, como se vêem na Egreja de Santa Sophia em Constantinopla.

Byzancio e Hespanha são as duas extremidades do imperio romano que escapam á inundação barbara, que o subverteu.

D'ahi brotarem as duas civilisações byzantina e arabe.

A arte arabe parece-se um pouco com a byzantina, mas desta se distingue pela prodigalidade de ornamentação, de que é excluida toda a representação d'animaes.

E' uma architectura cheia de graça e de elegancia. Agrada pela diversidade das linhas e das côres, pelos jogos de sombra e luz, mas tudo isso não nos commove.

Só a phantasia, só o capricho, caracterisam esses ornatos tão particulares, chamados *arabescos*, e que tanto brilham no palacio maravilhoso de Granada — na *Alhambra*.

A arte romantica, no seu mais alto desenvolvimento, é a arte christã, em q e ha a considerar duas épocas: *época romana* e *época gothica*.

A primeira, florescendo sob o feudalismo, é toda religiosa, impregnada da mais verdadeira e da mais profunda fé christã, que se refugia nas egrejas, cujo plano geral toma a fórma de cruz latina e cujas paredes são extremamente reforçadas por contrafortes.

Analysando uma dessas cathedraes, é-se impressionado com a quantidade de estatuas grotescas e hediondas que povôam os nichos sombrios das abobadas: demonios de medonhas carantonhas, animaes desconhecidos armados de chifres e garras, homens submettidos a horriveis supplicios, fauna teratologica que significava os sonhos, os terrores, o pesadelo que se apoderou de todo o mundo christão ao approximar-se o anno *mil*, data final do mundo.

A época gothica vae desde o seculo XI ao seculo XV.

O estylo *romano* é a infancia, o estylo *gothico* é a idade viril da arte christã.

No estylo *gothico* tudo parte da *ogiva* que substitue por toda a parte o *arco pleno*.

A *arte gothica* não constitue apenas um detalhe, applicando a *ogiva*, mas tambem constitue uma verdadeira revolução na arte de edificar. Graças á ogiva desapparece o aspecto pesado do edificio, que agora se eleva e se torna elegante.

Deste modo, o estylo gothico exprime melhor, com mais rigor, o sentimento que domina esses seculos de fé e de miseria: a supplica ardente, a esperança religiosa.

Com effeito, contrasta o que se sente na Cathedral de Colonia, cujas ogivas nos parecem mãos erguidas para o céo, com o que se sente na Basilica de S. Pedro em Roma: naquella respira-se um tal effluvio de religiosidade que ala a nossa alma a um extasis indefinido; na segunda

indigna-se o crente com a soberba luxuosa dos marmores e dos bronzes, mais para gloria dos homens do que para gloria de Deus.

O artista gothico revela conhecimentos mais seguros do seu mister, tem mais recursos, mais ideias, mais gosto.

A esculptura gothica, como a pintura, é sobretudo religiosa.

As suas obras são quasi todas destinadas a embellezar as egrejas. Por isso a cathedral gothica é um verdadeiro museu de esculptura.

A pintura nessa época era só uma maneira de adornar os objectos, as egrejas, as casas, os moveis, os livros. E' a época das *miniaturas* e dos *vitraes*, assim como da ourivesaria, da arte de cinzelar metaes e das tapeçarias.

A aurora do seculo XVI surge, a negra idade média está acabada, uma epoca nova começa, vamos vêr o espirito da Grecia e de Roma sair do seu tumulo e renovar a face do mundo. Esta época nova é a Renascença.

A arte pagã tivera por unica inspiração o estudo do bello na natureza, nos homens, nos animaes, nas coisas. A *Venus* de *Milo* não passa de uma formosa mulher.

O busto de *Annibal* não tem outra belleza senão reproduzir exatamente, tal qual foi em vida, as feições, e nessas feições a alma do guerreiro carthaginez.

A arte christã, pelo contrario, tem por unica inspiração a fé religiosa. Despreza a belleza do corpo, despreza o homem e a sua vida, manchados pelo peccado. O que ella procura, o que ella exprime, é o sentimento religioso.

Pois bem; chegou um momento em que esse constrangimento, esse esforço sublime para o céo pareceram insupportaveis.

As almas, cansadas d'essa tortura contemplativa, que não só lhes era improficua como tambem lhes exhauria o alento, voltaram-se para a realidade. Ao verem que a terra tem encantos mil e que a vida é o melhor e o mais bello dos gósos, lembraram-se então de que já os antigos pagãos tinham gosado uma e outra, só com o pedir-lhes o segredo da belleza.

Desannuviado assim o espirito surgiram obras primas tão bellas como tudo o que a antiguidade produzira de mais bello. Eis a Renascença.

E' da Italia, onde sobrevivem os restos mais formosos e mais numerosos da Civilisação antiga, que irradia o bello sol da Renascença.

E' tambem em Florença que apparecem os primeiros artistas. E' ahi que se funda a celebre escola florentina tendo como representantes mais illustres: *Bramante* e *Miguel Angelo, Luca della Robia, Donatello* e *Verochio*.

A architectura da Renascença dá á admiração do mundo o mais bello templo pagão onde o christianismo celebra as suas pompas: *S. Pedro de Roma*.

A esculptura seduz-nos com a belleza da realidade viva já nos baixos relevos de *Luca della Robia* e *Donatello*, já no *Moisés* colossal do colossal Miguel Angelo, architecto, esculptor, pintor e até poeta, já na estatua equestre de *Coleone* por Verochio, pintor, esculptor, gravador, ourives e musico.

Mas a Renascença não se limita á architectura e á esculptura, cria tambem pintores que nos deixaram obras primas de uma incomparavel formosura.

Dois nomes ficaram immortaes: *Raphael* e *Leonardo de Vinci*, ao lado dos quaes se collocam *Paulo Veroneso* e *Ticiano*, seguidos de *Boticelli* e *Celini*, e tantos outros.

A Renascença franceza é, como a italiana, a apparição de uma arte nova, que substitue a gothica.

Polymorpha e variada como a Renascença italiana, a renascença franceza abraça todas as fórmas da arte com uma conquista nova — a pintura das paizagens.

Os mais bellos edificios da arte franceza são o *Palacio Real de Blois* e o *Louvre*, de cuja fachada é o principal auctor *Pierre Lescot*.

A esculptura franceza desta época deixa-nos formosos especimens saídos do cinzel de *João Goujon, Pedro Puget* e *Nicolau Couston*.

Na pintura brilham *Clouet, João Cousin, Nicolau Poussin, Lesueur* e muitos outros.

O movimento admiravel da Renascença não se limitou tão sómente á Italia e á França; derramou-se por todas as partes civilisadas da Europa, sendo com mais intensidade, originalidade e força na Hollanda, onde surgem os grandes artistas: *Rubens, Van Dyck* e *Rembrandt*.

A Hespanha gloria-se com outra trindade não menos notavel: *Murillo, Velasquez* e *Ribera*.

A Allemanha illustra-se com o seu *Holbein* e Portugal com o seu *Grão Vasco*.

Os grandes movimentos artisticos succedem sempre a grandes luctas. Assim, o seculo de Pericles vem depois das guerras medicas; o seculo de Augusto depois das guerras civis de Cesar; o seculo de Luiz XIV, o rei-sol, em seguida aos dilaceramentos do seculo XVI; a Renascença nos Paizes Baixos, depois das guerras da Independencia; emfim, no seculo XIX a França impõe a sua arte depois das tempestades da Revolução e das batalhas do primeiro império.

E' uma pleiade gloriosa de artistas a que engrandece a França do seculo passado.

E' na esculptura Houdon, Rude, Falguière, Dalou, Mercier, etc. etc.; é na pintura David, Gros, Ingrés Gericault, Delacroix, Courbet, Millet, Bouguereau, Puvis de Chavannes, Laurent e muitissimos mais.

Eis como evoliu essa belleza que se chama arte, a qual, no dizer de William Morris, é uma necessidade da vida.

LUIZ LOBO.





RETRATO — Marques d'Oliveira

Simili-gravura de Marques Abreu



PAISAGEM — Rio Varosa

Cliché e simili-gravura de Marques Abreu

